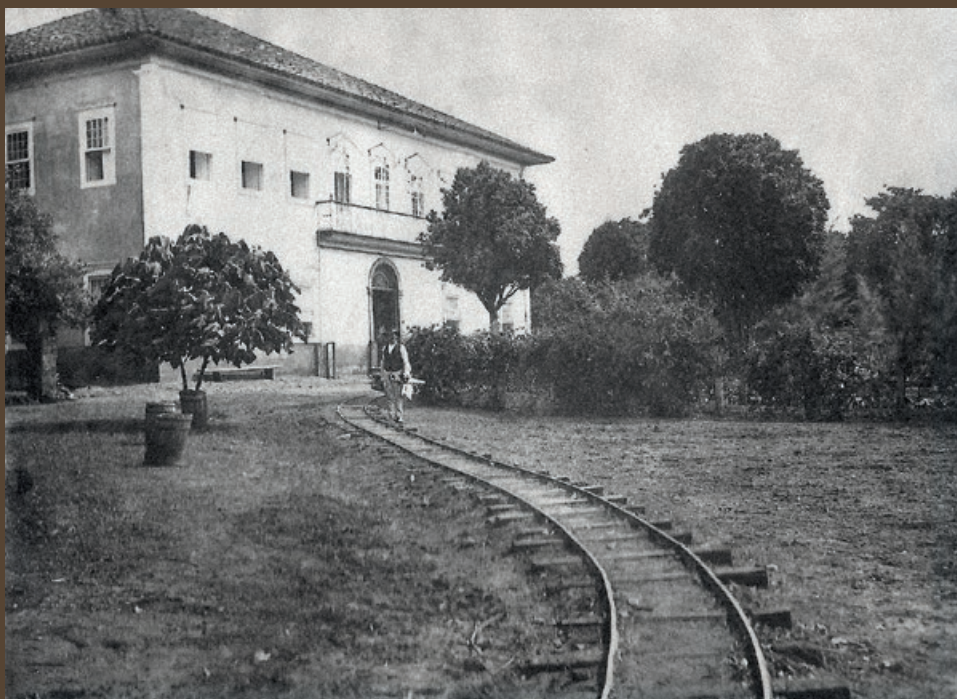
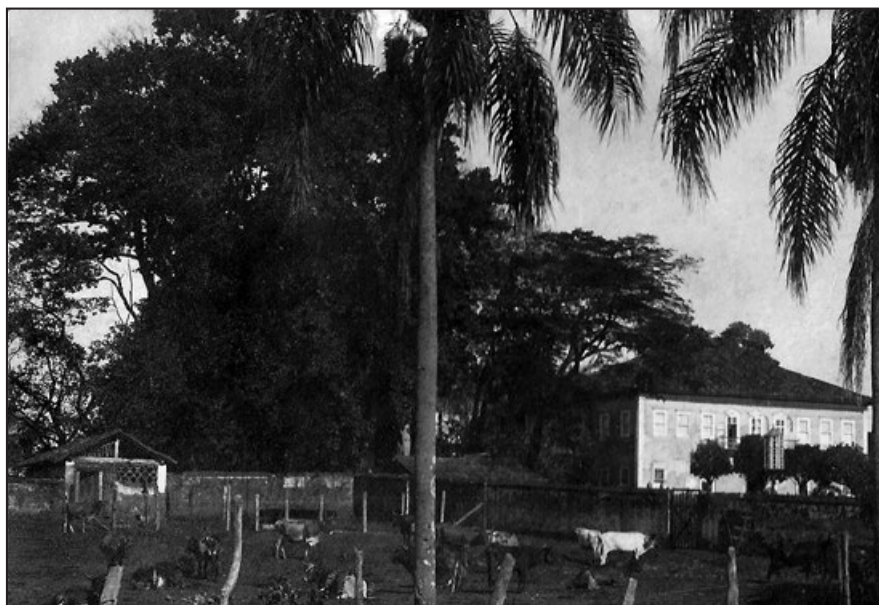




FAZENDA | SANTA ÚRSULA

ORG.
MARIA ABIGAIL NOGUEIRA MORAES ZIGGIATTI



Fotografia mostrando a casa e parte do curral
da Fazenda Santa Úrsula.

Ficha Catalográfica

Dados para Catalogação

Fazenda Santa Úrsula / Organizador: Maria Abigail Nogueira Moraes Ziggiatti.
– Jaguariúna, SP.

1. Fazenda Santa Úrsula. 2. Acervo Família Ataliba Nogueira. 3. Fotografia familiar. 4. Memória de família. 5. Álbum de família. 6. Jaguariúna. 7. Memória de Jaguariúna.

ISBN: 978-85-63824-08-0

Publicação independente da Organizadora. Jaguariúna, São Paulo, 2017.

Copyright by Maria Abigail Nogueira Moraes Ziggiatti

Nenhuma parte desta obra pode ser copiada, fotocopiada, armazenada em sistema eletrônico, reproduzida por meios eletrônicos ou outros meios, na íntegra ou em partes, sem a prévia autorização da organizadora.

Coordenação Editorial e preparação de originais: Fabiana Bruno

Projeto Gráfico: João Arthur Cavalcanti

Design Editorial: Fábio Messias

Fotografias: Francisco Pezzi - Arquivo Família Ataliba Nogueira

Textos legendas: Maria Abigail Nogueira Moraes Ziggiatti e Camilla Barbosa Oliveira

Impressão: Ipsis Gráfica e Editora

PROJETO



Organização de

Maria Abigail Nogueira Moraes Ziggiatti

FAZENDA | SANTA ÚRSULA

ESTA OBRA, ORGANIZADA POR

MARIA ABIGAIL NOGUEIRA MORAES ZIGGIATTI,

É TAMBÉM UM FEITO DE

CAMILLA BARBOSA DE OLIVEIRA E FRANCISCO PEZZI.

O livro contempla depoimentos narrados por Maria Abigail Nogueira Moraes Ziggiatti como forma de acompanhamento de fotografias pertencentes ao acervo da Fazenda Santa Úrsula. Parte da narrativa integra também citações literais da obra de autoria independente de Camilla Barbosa de Oliveira, figura inesquecível para todas as gerações desta família. A preciosidade dos registros fotográficos é de autoria de Francisco Pezzi, um observador da vida para além de seu tempo.





*O enorme casarão é repleto de antiguidades e coisas
bonitas, não adquiridas em antiquários e belchiores,
mas sim, relíquias de família.
(Camilla Barbosa de Oliveira)*

A Fazenda Santa Úrsula,
Séc. 21.





Na sacada da Fazenda Jaguari: Dom Nery, José Carlos, Barão, Camilota, Úrsula e a Baronesa, pessoas que eu consegui identificar

APRESENTAÇÃO

COMO ORGANIZADORA DESTA OBRA, o que ficou muito claro para que eu tivesse coragem de colocar as minhas ideias no papel foi a importância do acervo e a riqueza do material histórico da família que, até o momento, estava esquecido no fundo do baú.

Poucos da família têm interesse em saber sua história e guardar um pouco das memórias passadas. A família Ataliba Nogueira está nas terras de Jaguari desde antes de sua formação. Acompanhou seu crescimento, o início da Vila Bueno, depois da vinda do trem, quando passou a ser chamada de Estação Jaguari e por fim, Jaguariúna.

A história da cidade sempre esteve interligada com toda a região de Campinas a Mogi Mirim.

Lendo o livro da tia Camilla comecei a lembrar das fotos do álbum da família Ataliba Nogueira. Ela relata passagens que seo Chico (como era carinhosamente chamado por nós),

havia fotografado. Eu achei fantástico! Não imaginei outra coisa, senão unir as fotos aos textos narrados por ela.

Isso ficou na minha cabeça por anos. Pensei que nem faria mais. Preguiça, desânimo... sei lá. Até que criei coragem e resolvi! Não poderia deixar guardada tamanha riqueza documental como essa. Camilla Barbosa de Oliveira e Francisco Pezzi viveram na fazenda na mesma época.

Memórias escritas pela neta do Barão, para seus sobrinhos. Deixou relatos importantíssimos sobre sua família, sem eles, não seria possível um conteúdo tão intenso das imagens de um querido colaborador, apaixonado por fotografia, que graças a essa paixão deixou rico e maravilhoso acervo, numa época em que fotografia ainda era muito difícil.

Acho que consegui.

ABIGAIL

HISTÓRICO

Fazenda Jaguari ou Fazenda Santa Úrsula de 1782 à 2017.

São nove gerações de muita história.

Um breve relato, só para entender como a Fazenda Santa Úrsula chegou até a geração dos meus netos.

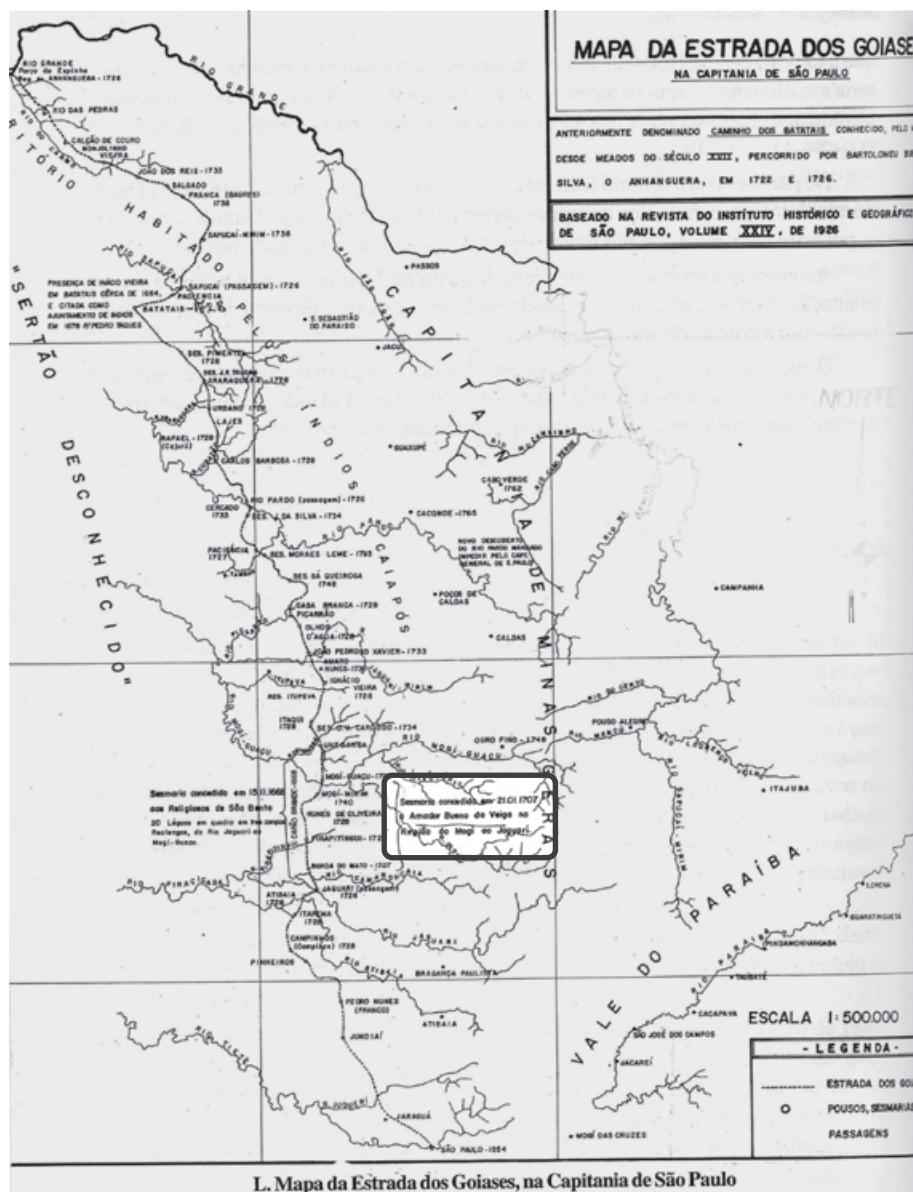
-
- 1ª Geração** Antônio Corrêa Barbosa foi quem recebeu a sesmaria; teve 4 filhos.
- 2ª Geração** Antônio Corrêa Barbosa (o segundo) foi quem herdou as terras, casou-se com Úrsula Franco de Andrade e teve uma filha.
- 3ª Geração** Luiza Ursulina, que se casa com Camilo Bueno da Silveira, com quem teve uma filha, Luiza Xavier Bueno da Silveira.
- 4ª Geração** Luiza Xavier Bueno da Silveira, que se casa com João Ataliba Nogueira (futuro Barão de Ataliba Nogueira), que teve 8 filhos.
- 5ª Geração** Úrsula Ataliba Nogueira, a filha caçula, é a herdeira da fazenda: casa-se com Celso Camargo Moraes e têm dois filhos: Celso Camargo Moraes Filho e Alberto Ataliba Nogueira Moraes.
- 6ª Geração** Celso Camargo Moraes Filho e Alberto Ataliba Nogueira Moraes. A fazenda é dividida entre os herdeiros e parte das terras com o casarão fica para o filho Alberto Ataliba Nogueira Moraes, casado com Maria Teresa de Arruda Botelho Moraes; o casal teve 5 filhos.

7ª Geração Alberto, Maria Abigail, Augusto, João e Maria Teresa.

8ª Geração Filhos de Alberto Ataliba Nogueira Moraes Filho: Gisela, Mariá e Alberto Ataliba Nogueira Moraes Neto. Filhos de Maria Abigail Nogueira Moraes Ziggiatti: Felipe, Manoela e Rafael. Filho de Augusto Nogueira Moraes: Augusto Nogueira Moraes Filho. Filhos de João Ataliba Nogueira Moraes: Adriana e Beatriz. Filho de Maria Teresa de Arruda Botelho Moraes: Alexandre.

9ª Geração São bisnetos de Alberto Ataliba Nogueira Moraes e Maria Teresa Nogueira Moraes: Laura e Guilherme, filhos de Felipe. Luiza e Marcelo, filhos de Adriana. Eduardo e Isabella, filhos de Rafael. Ariane, filha de Mariá. Vitor e Ana Beatriz, filhos de Manoela. Marcos, filho de Beatriz.

FOI ASSIM QUE A NOVA HISTÓRIA COMEÇOU...



HÁ MAIS DE 200 ANOS, era esse um outro lugar. Só se via a mata exuberante de uma colônia portuguesa – terras da coroa, ou terras de ninguém, mas logo teriam um dono, graças a sua excelente qualidade para produção agrícola.

Foi assim em 1782*, um pedaço bem grande dessas terras foi doado a Antônio Corrêa Barbosa.

A sesmária concedida tinha meia légua de testada na estrada de Goiás e três de sertão, pelo Rio Jaguari, até entestar com a sesmária de Luis Antônio de Souza, cobrindo nesta distância as terras entre o rio citado e o Rio Atibaia.

Antônio Corrêa Barbosa, excelente canoeiro em Itu, é um dos parentes mais remotos de que se tem notícia. Porém, um resquício do seu gênio deve ainda perambular pela família. Foi assim descrito pelo historiador piracicabano Leandro Guerrini:

“Concebemos o ituano como arguto e objetivo, ríspido e voluntarioso, com prerrogativas de líder. Diligente, sabendo ler e escrever, dirimia dúvidas, solucionava problemas, com força ou sem ela. Aqui, possivelmente, possuía seus interesses de traficante, entre aventureiros em

* A data de 1782 foi encontrada no arquivo Aguirra.

trânsito, ou na própria aldeia de Araritiagua-
ba, bom fabricante de canoas que era. (...)”

Burocraticamente, um ano antes, ou anos antes da fundação local, já era conhecido como “povoador de Piracicaba”, quiçá em consequência de sua movimentação solerte...¹

Em 1766, foi ele escolhido pelo governador da capitania de São Paulo para povoar Piracicaba e fundar a vila no encontro com o Rio Tietê. Antônio Corrêa Barbosa deu-se a liberdade de alterar o local e fundou a cidade 70 Km acima do esperado, em uma região que já possuía roceiros, sertanistas e foragidos, pomares, hortas e roçados. Terras boas, nas margens do salto do rio Piracicaba, o que garantia excelente pesca e alguma estrutura, já havia uma vibração social:

“O ituano não titubeou: foi para o sítio onde o bom senso indicava, onde havia vida e fortuna, onde havia um arremedo de entreposto para os itinerantes de Cuiabá, uma vez que a foz do nosso rio (o rio Piracicaba), inóspita e agreste, sem índice de gente, pouca coisa de prático lhe mostrava.”²

O povoador, além de funções administrativas, também deveria abrir estradas e organizar a urbanização da localidade. Exerceu suas funções com competência e, mais tarde, foi promo-

¹ Guerrine, Leandro. *História de Piracicaba (noiva da colina) Antes de sua fundação*. In: Costa Barros, Antônio de. (org.) Piracicaba – A Noiva da Colina, p.20.

² Idem, ibidem, p.22.

vido a capitão general. Isso aconteceu em 1771. Três anos depois, Piracicaba foi promovida à freguesia e o primeiro padre chegou ao vilarejo.

Pobre criatura, mal sabia ele que enquanto vivesse Antônio Corrêa Barbosa nenhum pároco teria sossego por ali. Foi este padre que realizou o primeiro batismo de Piracicaba, o do filho do povoador: Antônio Corrêa Barbosa (II), no dia 2 de julho de 1774, futuro proprietário de toda a sesmaria que foi o prenúncio da Fazenda Santa Úrsula.

É claro que Antônio Corrêa Barbosa, o povoador, nunca admitiria um pároco dando palpites e influenciando decisões. Tanto fez o homem que lá se foi o padre de Piracicaba depois de dois anos e meio do vilarejo.

Encerrando as implicâncias com o pároco, o povoador dirigiu seus desmandos para outros lados. E começou uma fase de turbulências e arbitrariedades que fez temer toda a população. Antônio Corrêa Barbosa, lambuzando-se no poder, começa uma série de abusos e perseguições desagradando a freguesia.

O comércio de canoas já não ia tão bem. A principal cidade que abastecia, Iguatemi, parou de receber auxílio da capital e, por tabela, Piracicaba sofreu as consequências. Voltaram-se, então, para o cultivo da terra.

E fizeram uma grande mudança: transferiram a vila para a outra margem do rio, onde

havia terras mais apropriadas para a agricultura. Animado com a chegada de um novo vigário, o povo resolve construir uma igreja maior, que por intromissão do capitão povoador acaba por ser menor ainda que a antiga. Mãos à obra. Começa a movimentação para desmatar a nova área, construir novas casas, transportar tudo de um lado para o outro. No meio de toda essa agitação, mais uma do capitão povoador: a santa padroeira da cidade, Nossa Senhora dos Prazeres, desaparece. No lugar do altar ocupado por ela, o capitão resolve colocar o Santo Antônio, santo de seu nome e, por assim fazer, tornar seu santo o novo padroeiro da cidade. Seus aliados dizem terem visto, à noite, uma canoa rodeada por anjinhos na qual estava a padroeira. Versão final: a padroeira fora raptada por serafins.

No fundo, o que aconteceu com a santa, pouco importa. Ela tinha sido colocada no altar como padroeira da cidade por ordens do ex-governador da capitania de São Paulo, D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão. Este a escolheu pelo simples fato de ser Nossa Senhora dos Prazeres sua santa predileta. Para completar seus caprichos, pediu ainda para ao lado da santa colocarem Santo Antônio e São Luiz, porque estes tinham seus nomes.

Se os santos estão a mercê dos caprichos de governantes, não sei ao certo que espécie de santos são esses. Não sei ao certo a diferença entre o santo preferido de um governante e o

de outro. É uma questão de nomes. Nesse caso, é preferível prosseguir contando a eterna luta pela sobrevivência dos párocos de Piracicaba.

Mal chegou Frei Tomé de Jesus, em 1875, logo abandonou a cidade por não aguentar as afrontas de Antônio Corrêa Barbosa. A população, desesperada, mandou, com ajuda do capitão-mór de Itu, uma representação contra o capitão povoador ao governador da Capitania de São Paulo. Esse protesto contra Antônio Corrêa Barbosa dizia coisas assim:

“...foi governando aqueles novos povoadores, não como tais, mas sim como seus escravos, ou pelo menos seus administrados ocupando-os mais no seu particular serviço, que no adiantamento da nova povoação tão estranhada naquele sertão.³”

Logo depois, chegava a Piracicaba o cônego João Ferreira. Este, além de muito respeitado por sua batina, era também delegado do capitão-general. Chegou confiante em mudar a situação de Piracicaba e resolve nomear outra autoridade para a vila, a fim de amenizar a prepotência de Antônio Corrêa Barbosa. Mas quem foi ele nomear? Nomeou como comandante das armas Joaquim de Meira Silveira, um grande amigo e partidário do capitão povoador.

Volta, então, para Piracicaba o Frei Tomé de Jesus, convencido de que as coisas iriam me-

lhorar. Nada. Dia 15 de julho de 1788, o vigário abandona a freguesia e nunca mais volta.

Mais dois anos restam antes da morte de Antônio Corrêa Barbosa. Em 1791 ele morre.

Antônio Corrêa Barbosa I foi casado com Ana Lara da Silva e tiveram 4 filhos:

Alexandre Barbosa de Almeida
João Damasceno Barbosa
Antônio Corrêa Barbosa II
Cecilia Barbosa de Almeida

Todos moradores de Piracicaba.

Alexandre Barbosa de Almeida, fundou o engenho Mato Dentro, nome que deve ter sua origem por estar dentro de mata exuberante que cobria as terras de Campinas afastados da estrada tornando-se engenho localizado mato a dentro.

Alexandre faleceu repentinamente em 5 de abril de 1819 com 35 anos de idade, sem geração, sucedendo na sesmaria o irmão Antônio Corrêa Barbosa II. Antônio Corrêa Barbosa II teve loja de fazendas na vila (Campinas) até 1805, residindo depois no engenho Antônio Corrêa Barbosa II, casou-se com Úrsula Franco de Andrade, filha do capitão-mor de Campinas e foi morar na beira do Rio Atibaia. Deste casamento nascem Luiza Ursulina. Em 1839 morre Antônio Corrêa Barbosa II, deixando toda a sesmaria para sua mulher. D. Úrsula I dividiu a sesmaria em várias partes e com isso

surgiram diversas fazendas como: Fazenda Castelo, Santa Clara Atibaia, Sete Quedas, Bom Retiro, Duas Pontes e outras. D. Úrsula I também tinha um sobrado em Campinas, na rua Dr. Quirino, com mais de 25 m de frente. Ela cedia seus grandes salões para as festas, casamentos e encontros culturais da cidade.

A filha de D. Úrsula I, Luiza Ursulina, casou-se com 12 anos de idade com Camilo Bueno da Silveira, que era tio do Cel. Amâncio Bueno, fundador da cidade de Jaguariúna.

Seu primeiro filho morreu ainda bebezinho. Enquanto mamava no peito de sua mãe, ela adormeceu e dobrou-se sobre ele sufocando-o. Ao dar a luz à Luisa Xavier Bueno da Silveira, Luiza Ursulina morre. Devia ter por volta de 15 anos então. Luiza é criada pela avó. Só depois de seu nascimento, em 1874, D. Úrsula I muda-se para a sede da Fazenda Jaguari (hoje, Fazenda Santa Úrsula) e coloca as iniciais de seu nome (U.F.A. - Úrsula Franco de Andrade, ela usa somente seu nome de solteira) na porta de entrada. Nessa época, a fazenda ainda era um engenho e produzia 6.000 arrobas de açúcar, aproximadamente 90 toneladas.

Este texto foi escrito a partir dos originais deixados por Maria Teresa de Arruda Botelho Moraes. A pesquisa foi completada por Manoela M. Ziggatti e Maria Abigail N. Moraes Ziggatti.

3 Neme, Mário. História da Fundação de Piracicaba, Editora IHGP, 1974, p.96.

OUTROS DOCUMENTOS CONSULTADOS:

PUPPO, Celso Maria de Mello. Campinas, Município no Império, Imprensa Oficial do Estado de S.A., 1983, p. 123.

OLIVEIRA., Camilla Barbosa. Águas Passadas. Produção Independente. São Paulo, 1956.

Fonte Documental sobre a formação territorial de São Paulo.

Anais do Museu Paulista ano I, volumes 10-11, número 011 — São Paulo, Brasil, p.61-78.

Ficha cadastral da Série Sesmarias.



AGRADECIMENTO PRA LÁ DE ESPECIAL

Agradeço o carinho e a paciência da minha mãe, Maria Teresa Nogueira Moraes, por tantas tardes que passamos juntas no terraço da Fazenda Santa Úrsula. Ficávamos olhando os álbuns do acervo da Família Ataliba Nogueira e ela, com muitas lembranças, uma memória fantástica identificava as pessoas e sempre contava alguma passagem interessante e até casos familiares muito engraçados.

Quanta saudade!

ABIGAIL



Camilla Barbosa de Oliveira

AGRADECIMENTO

À Camilla Barbosa de Oliveira e Francisco Pezzi, por deixarem esta herança documental de grande relevância histórica.

“Pois bem, meus queridos ‘netos’, deixo a senha nas suas mãos pequeninas e frágeis, mas que serão grandes e fortes para que um dia, vocês também contem a seus netos o que viram e ouviram, mas quando acabarem de ler estas notas esparsas na alvura do papel, por favor não digam:

‘Este negócio de família é pau’.”

CAMILLA BARBOSA DE OLIVEIRA

GUARDIÃS DA MEMÓRIA

PARECE QUE CABE ÀS MULHERES a função de zelar pela memória visual de suas famílias. Nosso caso foi assim, primeiro com minha avó Teresa, que colecionava álbuns, fotografias, pinturas, chegando às gerações mais remotas. Depois com minha mãe, que herdou o mesmo gosto pelas imagens do passado e hoje inventa novos formatos para explorá-las, como este livro.

Também eu sempre me senti atraída pelas fotos escondidas em caixas, ordenadas nos álbuns ou pregadas na parede. Talvez por serem vestígios de um tempo (ou instante) que deixou de existir, mas se perpetua numa espécie de espelho mágico que aproxima passado e presente.

É curioso como as fotografias de família vêm quase sempre acompanhadas de muitas anedotas. É só abrir um álbum e logo alguém comenta como e quando a foto foi tirada, descreve cada pessoa ali e relembra inúmeros detalhes que não aparecem na imagem. O mesmo ritual se repete todas as vezes em que voltamos a abrir aquele álbum e as memórias vão se cristalizando. Existe uma condução afetiva que vai se construindo o tempo todo (para si e para o outro) uma

imagem de nós mesmos. Nos inventamos ao nos vermos nas fotos e também escolhemos — ao organizar um álbum — a imagem que desejamos deixar para aqueles que nunca vão nos conhecer.

Apesar das fotos deste livro não serem exatamente fotos de família, sua estrutura e conceito lembram um álbum. De um lado, estão as fotos tiradas por um fotógrafo amador, mais preocupado, ao que parece, com um registro histórico. De outro, as lembranças romantizadas de quem viveu nos cenários das fotos. É como ver um álbum enquanto alguém nos conta o que não podemos ver. Ao associar essas duas fontes, minha mãe se coloca no papel de quem cria sentidos e nexos. Cada trecho do livro foi selecionado para dialogar com uma imagem específica em um fluxo de memórias visuais e textuais que formam o retrato de uma época.

Como qualquer relato, este parte de um lugar histórico e social específico e revela costumes e valores de uma classe dominante. Com certeza, o relato seria outro se fosse narrado pela babá negra da foto? Também seria bastante diferente se em vez da minha tia bisavó Camilla, fosse um homem da

família o narrador. Nesse sentido, adquire significado aquilo que vemos, mas também — ou principalmente — o que está oculto, o que não foi dito, aquilo que se quis esquecer.

No casarão da fazenda Santa Úrsula, cenário das fotografias deste livro, passei todas as férias da minha infância. Minha avó Teresa me contava diversas histórias enquanto eu folheava álbuns antigos. Com sua voz tranquila e doce, ela me seduzia, floreando os casos, inventando o que não sabia, imaginando e reconstruindo sua memória. Para mim era como um conto de fadas, ou melhor que isso, já que todos os protagonistas eram tios distantes, avós, bisavós e — o mais incrível — eu estava fisicamente dentro desse mundo de fantasia.

Aprendi com ela a saborear os mínimos detalhes. Imaginava como seriam os personagens e me conectava com o vínculo afetivo que ela tinha com pessoas desconhecidas para mim. Queria saber como eram, o que vestiam, o que comiam, como falavam. Eu era transportada para outro tempo. E nas brincadeiras de uma criança, o que é ou não fantasia importa bem pouco.

Hoje vejo que, no fundo, isso me dava a segurança de pertencer a uma história, um lugar, uma família. Talvez seja exatamente essa a intenção dessas “guardiãs” das memórias familiares: garantir uma continuidade identitária a partir do pertencimento e preservar a coesão do grupo.

Sabemos que a memória não é algo fixo, e sim construída em função das nossas referências, experiências, dos valores que cultivamos e do mundo que queremos construir. Se é assim, como trabalhar então a relação afetiva com nosso passado familiar e, ao mesmo tempo, compreender o que esse passado significa historicamente no complexo emaranhado das relações sociais de um país como o Brasil?

Nesse sentido, minha mãe dá um passo importante ao compartilhar um material que até então circulava apenas no âmbito privado de nossa família, lançando-o à apreciação de um público amplo e diverso. O livro disponibiliza uma rica fonte para estudos e pesquisas sobre o imaginário e o contexto vivido pelas famílias proprietárias de terras na região de Campinas no século XIX.

Não é a primeira vez que minha mãe encara empreitadas que colaboram com a elaboração do conhecimento da história da região. Em 2002, terminou a reforma da casa do fundador de Jaguariúna (Cel. Amâncio Bueno) — que estava em ruínas — e a transformou em uma pousada. Pouco depois, em 2007, lançou o livro *Vila Bueno* — ensaios para a história, sobre a formação do município de Jaguariúna.

Desde que descobriu sua habilidade para encontrar materiais de relevância histórica, minha mãe uniu o útil ao agradável. Com um acesso privilegiado a acervos pessoais e a consciência de sua importância para o entendimento da história do país, ela deu vazão à sua curiosidade natural pelas memórias familiares — seguindo os passos de suas antepassadas — e arregaçou as mangas para transformar todo esse conteúdo em obras que despertem um interesse mais amplo. Com isso ela vai se reinventando como mulher, como cidadã e, por que não, como mãe.

Sei que existem mais coisas no fundo do baú, então que venham todas!

MANOELA ZIGGIATTI

VÓ MIÚ

(Camilla, Camillota, Barbosa de Oliveira)

CAMILLA BARBOSA DE OLIVEIRA, neta do Barão de Ataliba Nogueira e do Conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira é filha de Luiz Albino Barbosa de Oliveira e de Camilla Ataliba Nogueira Barbosa de Oliveira (conhecida como La Belle Brésilienne nos salões de Paris, contava Vó-Miú). Nascida, se não me engano, em 1887, eu me lembro de pensar que por um ano teria tido escravos. Mulher adiante de seu tempo, mas que nos legou a continuação da história dos Barbosa de Oliveira (Águas Passadas...); inspetora de ensino; figura da sociedade paulista e paulistana; mas, sobretudo...minha Vó Miú, é influência perene em minha vida.

Eu tinha 13 anos quando a perdi para um AVC (que hoje teria sido perfeitamente tratável!), em 1959 ou seria 1958[?]). Depois do ocorrido viveu uns 2 ou 3 anos. Foi no Carnaval de 1962, tenho na lembrança 5 de março, aniversário de Biba e no fatídico dia em que Kido quase morreu de choque anafilático por picada de abelhas (um dos piores dias de minha vida). Me recordo que ainda

consequia me comunicar com ela em francês (bengala batendo no chão a me corrigir “c’est pas ça”. Li, tempos depois, que a última coisa que esquecemos está geralmente entre as primeiras que aprendemos...vovó não conseguia se exprimir bem em português, o francês foi a salvação (mas dependia de outros para lhe entenderem).

Vó-Miú e Vó-Belita (minha avó de verdade, mas que nunca conheci por ter falecido muito cedo, pouco mais de 50 anos, papai ainda adolescente) foram educadas por governantas francesas (as famosas Mademoiselles...). Vovô Luiz Albino e Vovó Camilla tinham dinheiro para isso (na época), e viajavam muito para a Europa (reza a lenda que por razões de saúde, que Vovô teria uma saúde frágil), deixando as filhas no Brasil.

Até hoje me lembro de Vovó contando como era a vida delas, cheia de aulas, horários e regras, e eu pensando, que horror, como aquilo se parecia com a vida das Meninas Exemplares, até nas férias (devo a Vovó, dentre tantas

outras coisas, a coleção inteira da Condessa de Ségur — além das Meninas, me lembro d'As Férias, Os Desastres de Sofia, meu amado Memórias de um Burro (Cadichon!) e a Coleção Menina e Moça (“Estás naquela idade, inquieta e duvidosa, em que ainda não é dia, mas já é alvorecer; entreaberto botão, entrefechada rosa, um pouco de menina, um pouco de mulher (...)” — poema que aparecia em todos os livros, cheios de aventuras (o que aprendi com a sobrinha de Napoleão!!!). Vovó não só incentivava muito meu amor pelos livros — o que mamãe e papai compartilhavam — , mas também tentava me educar...

Papai e mamãe (Ataliba Euclides Vieira e Maria Thereza de Arruda Camargo Vieira) eram considerados, por ela, liberais demais, influenciados por modelos de educação americana (eu nasci em San Antonio Texas). Para mim, a liberalidade deles era relativa (tínhamos de estar na cama às 9 da noite, e por isso eu não podia ver I Love Lucy, um de meus programas favoritos, ou frequentar as aulas de Madame Poças Leitão. O colégio só

permitia depois da 3ª série, mas todo mundo ia, menos eu! Mas para Vovó, que crescera ouvindo que crianças devem ser vistas mas não ouvidas...

Mamãe, órfã aos 7 anos, teve em Vovó mãe e sogra, de quem muito gostava e a quem muito respeitava. Conta que por isso aceitava interferências com as quais não concordaria. Um exemplo: quando eu tinha 2 anos era quase careca, e uma vez mamãe me deixou com Vovó e, quando voltou para me buscar, me encontrou de cabeça raspada e vestida de menino (me vestiram assim por 6 meses, e me chamavam de Joãozinho, mas garanto que não me ficou qualquer trauma ou problema de identidade sexual, apenas um cabelo bonito e ainda abundante aos 66 anos, idade em que escrevo...)

Vovó se orgulhava de comer qualquer coisa (exceto melancia — que eu adorava — e acho que jaca ou abacaxi), e não se conformava com duas coisas — meu enjoamento (graças a Deus Mamãe e Papai não nos forçavam!) e

minha gula. Me lembro de quando me levou uma caixa de catupiry e uma lata de marmelada branca da Peixe (que saudades disso!!!), e me obrigou a comer tudo (e do desapontamento dela — e de minha alegria!!!). Mas Vovó sempre me fazia sentir especial — nunca duvidei de seu amor por mim, acho que a única vez em que fiquei com raiva dela foi quando me fez cuspir — e jogar fora uma caixa inteira de — chicletes Adams tutti-frutti, que me haviam levado a semanada toda...

Acho que muito da segurança que hoje tenho devo a Vovó. Ela me fazia orgulhar de ser quem eu era — de minha história, de meus pais, de minha família — ao mesmo tempo em que me fazia sentir a responsabilidade por ter nascido do lado certo do asfalto. Papai e Mamãe eram muito desligados de vida social (e ligados um no outro, graças a Deus, ele morreu quando eu tinha 13 anos, ainda bem que aproveitaram...), embora nos amassem muito também. Vovó me levava em visitas a Tia Guiomar e outros parentes, sempre me contando a história de todos. As histórias

de Vovô Conselheiro, Vovô Barão e Rui Barbosa, mas também de agregados e empregados fieis da família. Assim conheci (e procurei transmitir isso aos jovens da família) não só Campinas e os campineiros, mas a velha São Paulo, com suas tradições, histórias e lendas.

Ensinou-me (conta Mamãe) a recitar em francês com 2 anos; me legou o conhecimento e o amor pela cultura francesa (e europeia), que mais tarde se revelariam tão importantes em minha vida (inclusive profissional); o conhecimento de família e tradições que me fazem quem sou (Eu sou eu e minhas circunstâncias como, ensino sempre a meus alunos, disse Ortega y Gasset). Corrigiu meu francês — e meu português; incentivou minha paixão pela história e pela política. Tia Helena sempre disse que herdei de Vó-Belita (genética)! e abriu minha cabeça para o mundo desde tão cedo; exigiu muito de, mas deu muito a, sua neta americana.... E me deixou tantas lembranças, apesar do pouco tempo de convivência...

Em um aniversário inesquecível me levou a um café da manhã no Asunción (eu, peque-

na, sentada em uma cadeira de braços enorme, em uma mesa enorme cheia de comidas incríveis e freiras também enormes, todas me paparicando por ser afilhada e sobrinha neta de Vovó...) — que sorte ter nascido em um 15 de agosto! Quando mamãe e papai viajavam, continuava a nos visitar onde quer que ficássemos e nunca esquecerei do *field day*, no Santa Maria, em que me acompanhou porque os dois estavam na Europa — todo mundo a conhecia e eu, adolescente meio (muito!) peixe fora d'água, porque papai e mamãe acreditavam (e estavam certos) que aos 13 anos eu ainda era criança (e por isso eu não podia ir às festinhas mais adultas) e tampouco faziam questão de frequentar outros pais, o que me deixava bastante isolada — encontrei meu porto seguro...

Vovó me ensinou valores como justiça, equidade, trabalho, liberdade de espírito. Mamãe conta que ela nunca falava mal de ninguém pelas costas (embora sempre dissesse o que pensava, pela frente) — em nossa casa, desancava papai e mamãe e falava bem de todos os outros — e vice-versa, contava Tia Helena.

Realmente não me lembro de ouvi-la fofocar nunca (aliás, pensando bem, fofoca não era o forte lá em casa...). Dava presentes a todos (mamãe me contou depois que não era rica, e que deixava de fazer coisas para si, por isso), e eu me lembro do prazer com que esperava sua chegada, pois certamente ouviria histórias e ganharia atenção. Era amada e respeitada.

Trabalhava, e muito (mulher adiante de seu tempo); se sustentava era independente; cultíssima e divertida, uma presença de espírito incrível (sempre conto a meus alunos da madrugada em que foi acordada por um trote telefônico e, estremunhada, imediatamente retrucou à pergunta Penico de barro enferruja? (inocentes ainda os trotes...) com um sonoro “depende do mijo, minha senhora” (nem conseguia imaginar minha bem-educadíssima Vovó usando o termo!!!). Amou muito e foi muito amada. Fonte segura conta que teve um duradouro caso de amor com um médico famoso, casado com uma mulher muito doente. Encaminhava a ele (salvo engano, ele era ginecologista) todas

as empregadas da família, para tratamento... Generosidade. Alegria. Bom humor (outra história contada por Mamãe: Vovó foi a primeira mulher em São Paulo a usar meias de seda e, quando tio Luizito tentou criticá-la, respondeu apenas: quem tem bonito é prá mostrar... (diziam que era feia — eu nunca achei — mas tinha pernas lindas). Cultura. Amor. Valorização do outro. Conhecer o passado para entender (e construir) o futuro. Abertura para o novo. O trabalho como valor. Além dos colares de pérolas, legado de minha avó.

Vovó não foi só minha, e sei bem disso — mas talvez outra grande qualidade sua (além da memória dos Barbosa de Oliveira, que herdei) tenha sido — dou-me hoje conta — a capacidade de fazer com que cada um de nós — su(a)(eu)s neto(a)s e afilhado(a)s (o que pensaria Vovó do politicamente correto de hoje?) — se sentisse único(a).

Por isso, quando Gail, de quem gosto tanto e herdou de sua mãe Thereza (outra de minhas queridas) o amor pela família e a coragem de empreender tarefas árduas pelo bem comum

(nossa memória...), me deu a honra de pedir que falasse de você, Vovó, senti que o melhor seria fazer o que fiz — falar das lembranças de menina, que me influenciaram e influenciam há tantos anos e que, tenho certeza, acordarão outras tantas em quem ler o que escrevo.

Seus retratos — no Jaguari com Vovô Barão e toda a família em uma visita de Rui Barbosa, e com tia Dora e tio Jasper (logo depois do casamento e já depois do derrame — que ainda não se chamava AVC) estão no mural da família à entrada de meu apartamento; seu retrato sozinha, no muro de nossa primeira casa no Paraíso, vital e sorrindo, está em minha mesinha de telefone, (olho pra ele quando escrevo, laptop, escarrapachada no sofá, isso você odiaria. Vovó, sorry...); mas há um outro, abraçada comigo embaixo de uma árvore no jardim, eu com um enorme sorriso de orgulho, está em meu coração... E nunca se apagará.

SUZI VIEIRA

FRANCISCO PEZZI



Seo Chico Pezzi como era carinhosamente chamado pela família.

Trabalhava na fazenda como Guarda-Livros

MEU AVÔ FRANCISCO PEZZI nasceu em Ravena, na Itália, em 1882, e veio para o Brasil ainda pré-adolescente.

Mais de 50 anos já se passaram de seu falecimento em 1962, por isso minha memória vai perdendo detalhes do nosso contato, à medida que o tempo vai passando.

“Seo Chico” era recém-casado quando foi morar na Fazenda Santa Úrsula, onde nasceram seus oito filhos. Seu trabalho era de grande responsabilidade, onde se destacou por sua sagacidade e empenho, atingindo o cargo de Guarda-Livros, nome que se dava a atual profissão de Contador ou Perito Contábil. Essa profissão era muito valorizada; como guarda-livros era também o administrador financeiro da fazenda.

As maiores lembranças de meu avô são contadas por minha tia Ica, a filha mais nova, e pela minha mãe Therezinha, afilhada de Dona Úrsula, por quem teve verdadeira adoração. Durante toda a sua vida contava de forma até

mágica os detalhes de seu contato com a madrinha, seus filhos Alberto e Celso, com quem conviveu juntamente com a “fraulein” que educava os meninos.

O Avô Chico era conhecido pela sua inteligência em lidar com números. Minha mãe dizia que ele era mestre em álgebra e responsável pela alfabetização de muitos colonos. Minhas primas Lizete e Liliane lembram do Avô ajudando nas dúvidas em matemática.

O hobby principal de Chico Pezzi era a fotografia: tanto fotografar como revelar. Na minha opinião os momentos felizes de sua vida foram quando fotografava a fazenda, seus moradores ilustres e seus visitantes famosos.

Seu amor pela fazenda era tão grande que já aposentado e idoso, morando na cidade de São Paulo, bairro do Belém, sempre que possível pegava o trem até Jaguariúna para visitar o lugar que lhe era tão querido. Disso, eu sou testemunha.

MARIA LUIZA PEZZI MOREIRA

“LONGE DE TER SIDO UMA UNIÃO por conveniências, um casamento arranjado, como fora o de meus avós Barbosa de Oliveira, o Dr. João Ataliba Nogueira e de Luiza Xavier Bueno da Silveira, foi um casamento de amor, lá pelo ano da graça de 1864. Já naquele tempo, a Dona Luizinha, que apesar de muito moça, já sabia o que queria, bateu o pé, para se casar com o seu “barba de arame”.

Barba de arame... Era esta a alcunha do moço bacharel, que cortejava a sua bela, aos corcovos de seu corcel, oferecendo-lhe na janela buquês de pipocas, amarrados com versos.

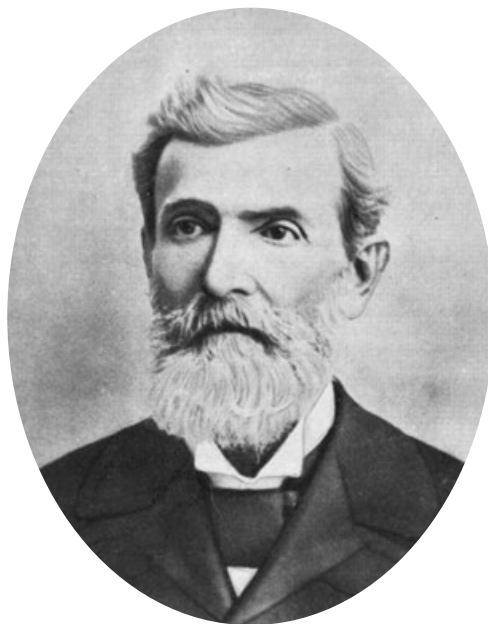
Vi e li muitos desses versos: “Formosa qual pincel em tela fina” e tantos similares, gravados em letras douradas, nas fitas já descordadas pelo tempo, que Vovó guardava religiosamente e relia com o mesmo amor com que os recebera outrora.

Era Vovó de um romantismo encantador, que sempre conservou, e que formava um gracioso

contraste com o seu gênio independente e impetuoso.

Pois bem, esses jovens, ele 13 anos mais velho, casaram-se e, como nos contos de fada, foram muito felizes e tiveram muitos filhos.

Mais tarde, Vovô foi agraciado pelo imperador, que ele recebeu na sua fazenda, de passagem, para Poços de Caldas, com o título de Barão de Ataliba Nogueira, título pelo qual Vovó muito se orgulhava, chamando-se ela própria “a Baronesa”.



Barão de Ataliba Nogueira



Baronesa de Ataliba Nogueira

Eles vão ser para nós, o Vovô Barão e a Vovó Baronesa, ela filha de Camillo Bueno da Silveira, que foi no seu tempo o que se chama hoje um “viveur”; viúvo, moço, bonito e rico, tirou da vida o que pôde. Foi, depois de viúvo da Mãe de Vovó Baronesa, que também se chamava Luiza, duas vezes à Europa e naqueles tempos das agáias.

Casou-se mais tarde e teve muitos filhos. Vovó nunca suportou a madrasta, o que também não escondia.

Vovô nasceu em Campinas a 8 de Setembro de 1834; o tronco da família era de Sorocaba, mas dividiram-se e o nosso é de Baependi de Minas, onde tomou raiz outra parte da família. Estudou Vovô na velha Academia do Largo de São Francisco, em São Paulo; e formado, voltou a Campinas, morando sempre com a mãe, mesmo depois de casado.

Foi juiz de comarca, nunca ou pouco exerceu a profissão. Era justo e de uma honradez a toda prova.

Participou na política, de corpo e alma, embora nunca tenha ocupado um cargo de destaque, não tinha temperamento para isto; era um “liberal” e não aderiu à República, permanecendo sempre, fiel as suas ideias.

Foi, com outros campineiros ilustres, um dos fundadores da Companhia Mogiana, da qual foi presidente durante vários anos. Era como que “sua filha mais velha” e lhe merecia todo carinho e dedicação.

Basta dizer que durante a primeira epidemia de febre amarela, que assolou Campinas, mudaram-se os escritórios da companhia, para a fazenda Jaguari, ficando ele e os seus ajudantes resguardados do mal.

Durante a construção do trecho de Cam-

pinas a Mogi-Mirim moravam na fazenda, senão na própria “casa grande” famílias de engenheiros, vindos de fora e aos quais Vovô oferecia suporte, até ama para os filhos.

Vovô nasceu no Jaguari, que era a fazenda de sua avó, não na casa atual, mas numa casinha à beira do rio, que mais tarde serviu como casa do administrador.

Ficando órfã ao nascer, herdou a fazenda da Avó, que a criara; ainda hoje, lê-se na porta de entrada da casa as iniciais: U.F.A – Úrsula Franco de Andrade.

Há no Jaguari, duas bonitas telas do pai de Vovô e da mãe de Vovô.

O Vovô Camillo, ainda moço e bonito; mas a Vovó Donanna, feia; o que a fez dizer quando viu o retrato: “o que vão dizer os meus netos, de uma Avó tão feia”.

Não o devia ser tanto assim, pois deixou na

sua descendência, netas e bisnetas verdadeiros tipos de beleza.

Os Barões de Ataliba Nogueira tiveram seis filhas, das quais dizia Vovó: “Tenho seis filhas, seis belezas, mas fui mais bonita do que qualquer uma delas”.

Não sei se o foi tanto assim. Já a conheci muito envelhecida; morreu a 30 de dezembro de 1912, aos 62 anos, aparentava muito mais idade. Nunca vi o tempo marcar tanto assim e destruir implacavelmente com tanta força.

Tendo quebrado o colo do fêmur, após um tombo de mau jeito, ao levantar-se da rede, nunca mais andou, nem mesmo se levantou da cama.

Vovô recebia as pessoas no seu quarto de dor e exigia — o que fazíamos com todo rigor — que se tomassem os nomes dos visitantes, para enviar-lhes depois os devidos agradecimentos.

A morte de Vovô foi o primeiro grande desgosto que tive; era ainda bem moça, mas com o tempo fui percebendo que aprendi com isso, porque fui recebendo com mais coragem e conformidade os golpes que me têm caído em cima, e não têm sido poucos.

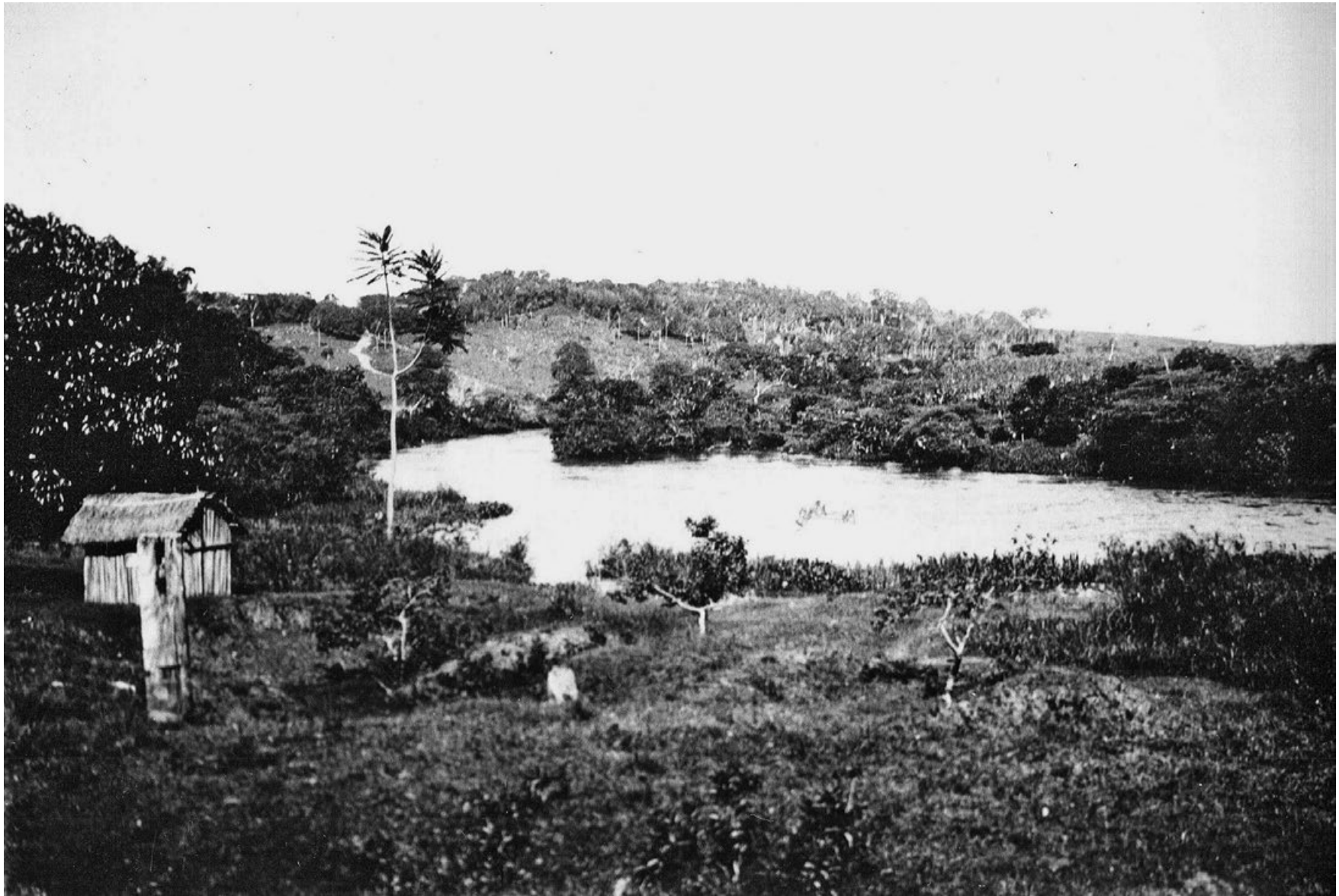
Acompanhei muito os sofrimentos de Vovó; fui durante sua doença, que durou três meses, sua companhia das noites, que passava todas a seu lado; mesmo havendo enfermeiras, nunca deixamos a doente só com elas.

Foi durante estas longas noites de vigília, que aprendi muito do que conto a vocês hoje. Vovó sempre lúcida, de uma inteligência viva e com muita memória me contava todas estas histórias de família, e assim, juntando o útil ao agradável, ia eu amenizando o sofrimento da enferma, com minha atenção e carinho e aumentando o meu estoque de recordações.

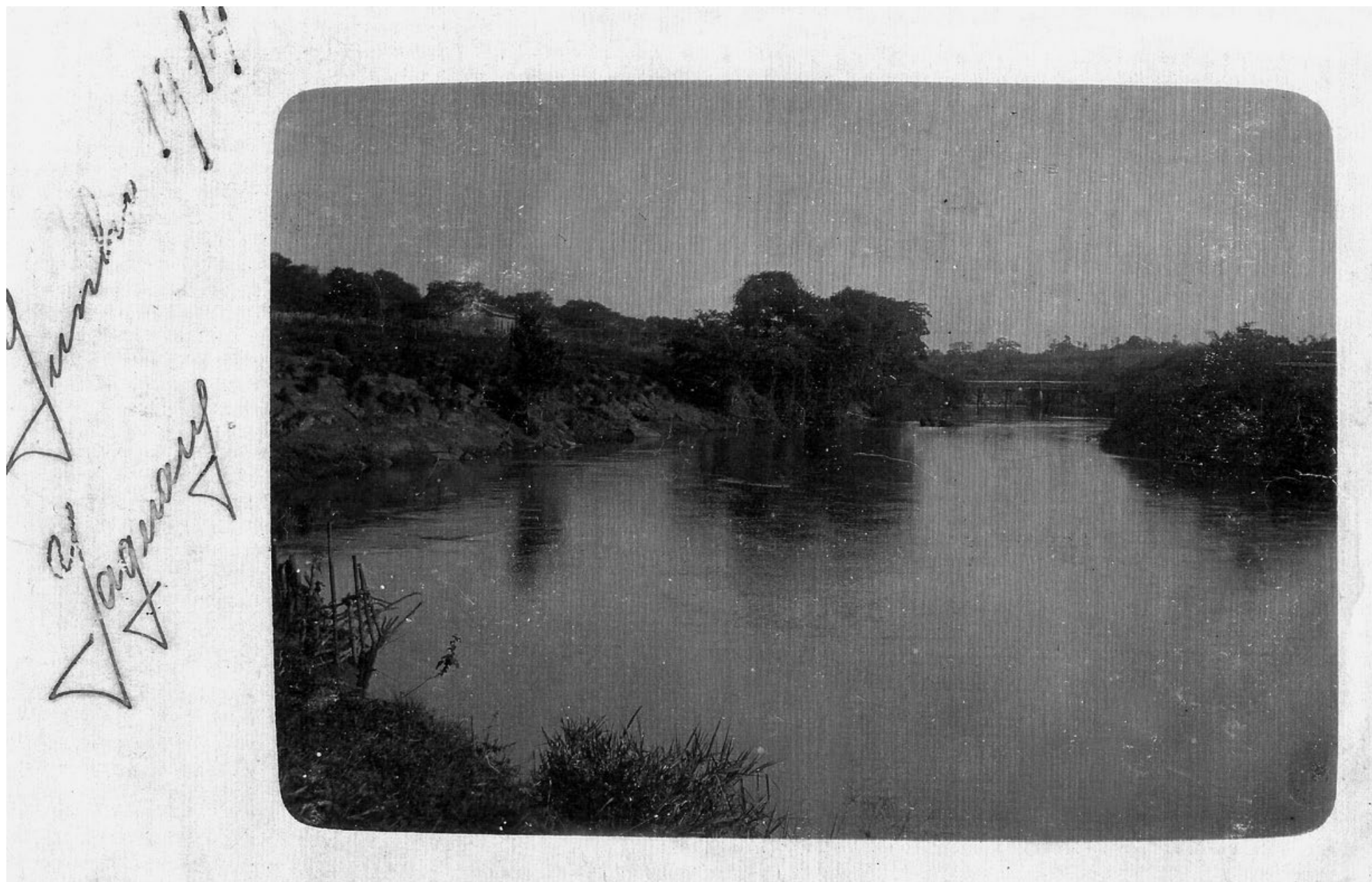
(Camilla Barbosa de Oliveira)

Túmulo do Barão e Baroneza
de Ataliba Nogueira, no
Cemitério da Saudade, na
cidade de Campinas.





Rio Jaguari.



Vista do Rio Jaguari nas terras da Fazenda Santa Úrsula: o silêncio no seu ritmo.

A Fazenda Jaguari, ou Santa Úrsula, é um verdadeiro paraíso, com uma posição admirável, única e privilegiada, à margem do rio que lhe deu o nome. Na foto, trecho do Rio Jaguari, próximo à ponte “Pedro Abracez”, quando ainda existia o grande jequitibá.





Lateral da sede da fazenda Jaguari, em meados de 1875, com suas janelas sempre a fitarem o horizonte.



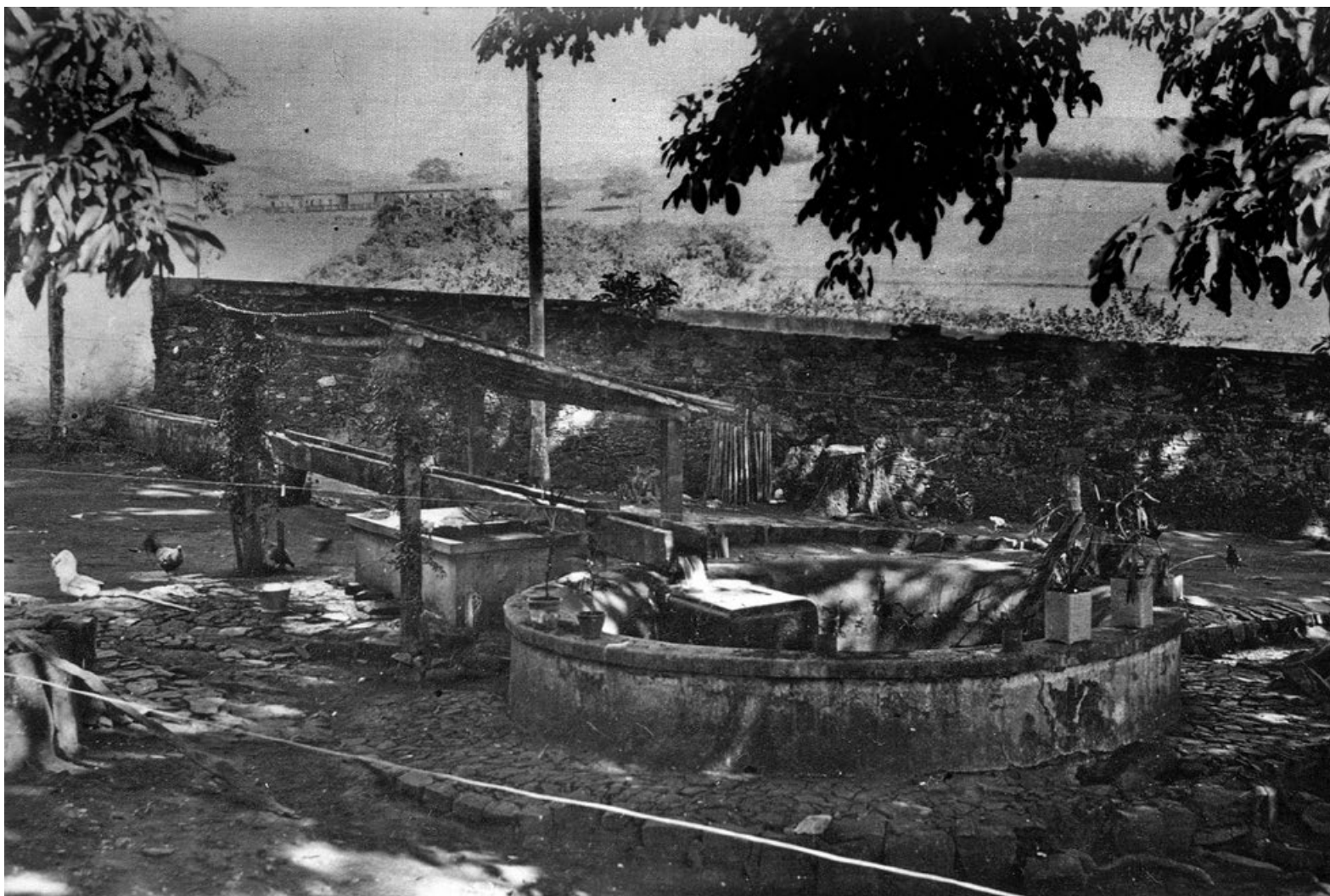
As formas, os recortes, os aromas e as cores do jardim da sede, com vista para a trilha, antes da enchente, ainda com a capela. Pode-se avistar os terreiros de café, com a elevação de trilhos, por onde o bonde transportava o café já seco, para ser estocado na tulha.

Uma estética quase simétrica para os Jardins da fazenda, decorados por variedades de flores, rosas e folhagens. Contemplando o caramanchão florido, os filhos de seo Chico Pezzi, por volta de 1900.





“Com sua casa senhorial, seu pomar magnífico, de jardins famosos pela qualidade e quantidade de suas frutas e flores – é a fazenda mais bonita que tenho conhecido.”
(Camilla Barbosa de Oliveira)



O tanque de lavar roupas. Minha Avó contava que era também aonde os escravos tomavam banho.



Ao fundo, avista-se a casa grande e, no primeiro plano, a lida com as vacas no curral.





“Alameda de paus d’alho e de paineiras dão à fazenda um encanto muito especial, assim como também, a impressão de grandiosidade e de bem-estar.

E tudo foi dirigido e plantado por Vovó, como amiga da terra, que viu nascer. Com suas próprias mãos, plantava, semeava, cuidava de seu pomar, de sua horta e de seu jardim, como se cuida de um ente querido com desvelo e amor.”

(Camilla Barbosa de Oliveira)



Esperando o bonde à sombra do Pau d'álho.



“O velho solar é rodeado de árvores de exuberante vegetação. Aqui, a família se acomodava à sombra generosa da figueira mandada plantar no dia do nascimento de tia Sula: 14/10/1880.” (Camilla Barbosa de Oliveira)



A Família como Barão, já bem velho, ao centro, e Úrsula, de branco, atrás. Um umbigo, uma figueira. Plantar uma árvore aonde se enterrava o umbigo. O umbigo de Úrsula foi enterrado (1880) e plantaram uma muda de figueira. Contam que ela sempre dizia: que quando a figueira morresse ela também morreria e assim aconteceu, em 1957 faleceu dona Úrsula e a figueira partiu-se ao meio.



O BONDINHO

“**H**AVIA NO JAGUARI, duas coisas únicas “sui generis”, originais e pitorescas e que nos encantavam: o bondinho e o trem.

O bondinho, que delícia, como adorávamos o bondinho, mas também quantos pitos e tombos. Era o tal de bondinho, um bonde de “brinquedo”, com dois bancos, com três lugares cada, uma bitola de meio metro, mais ou menos, e puxado por um pacato burro, guiado por Antonio Pequeno que, entre parênteses, tinha um metro e oitenta de altura.

Os trilhos eram muito estreitos e por menos segurança que oferecessem, estavam sempre a postos, para transportar os passageiros, da porta de casa à estação da Mogiana, distante uns dois quilômetros no máximo, e parte do trajeto era feito na avenida de paineiras e pau d’alho, que misturavam no verão as suas flores cor de rosa ao aroma forte das frondosas árvores.

Havia um ponto do caminho que era esperado com uma ansiedade louca. Era uma curva muito fechada, numa subida e pela certa

o bondinho desencarrilhava, o que era um prazer para nós.

Logo depois vinha a “ponte seca” um viaduto em cima da linha do trem, e era uma alegria, uma gritaria, quando coincidia passar o bondinho em cima e o trem em baixo.

Outro pedaço sensacional e mesmo perigoso era a ponte sobre o rio Jaguari.

Os trilhos do trem e do bondinho eram tão próximos, que não era possível passarem ao mesmo tempo os dois veículos.

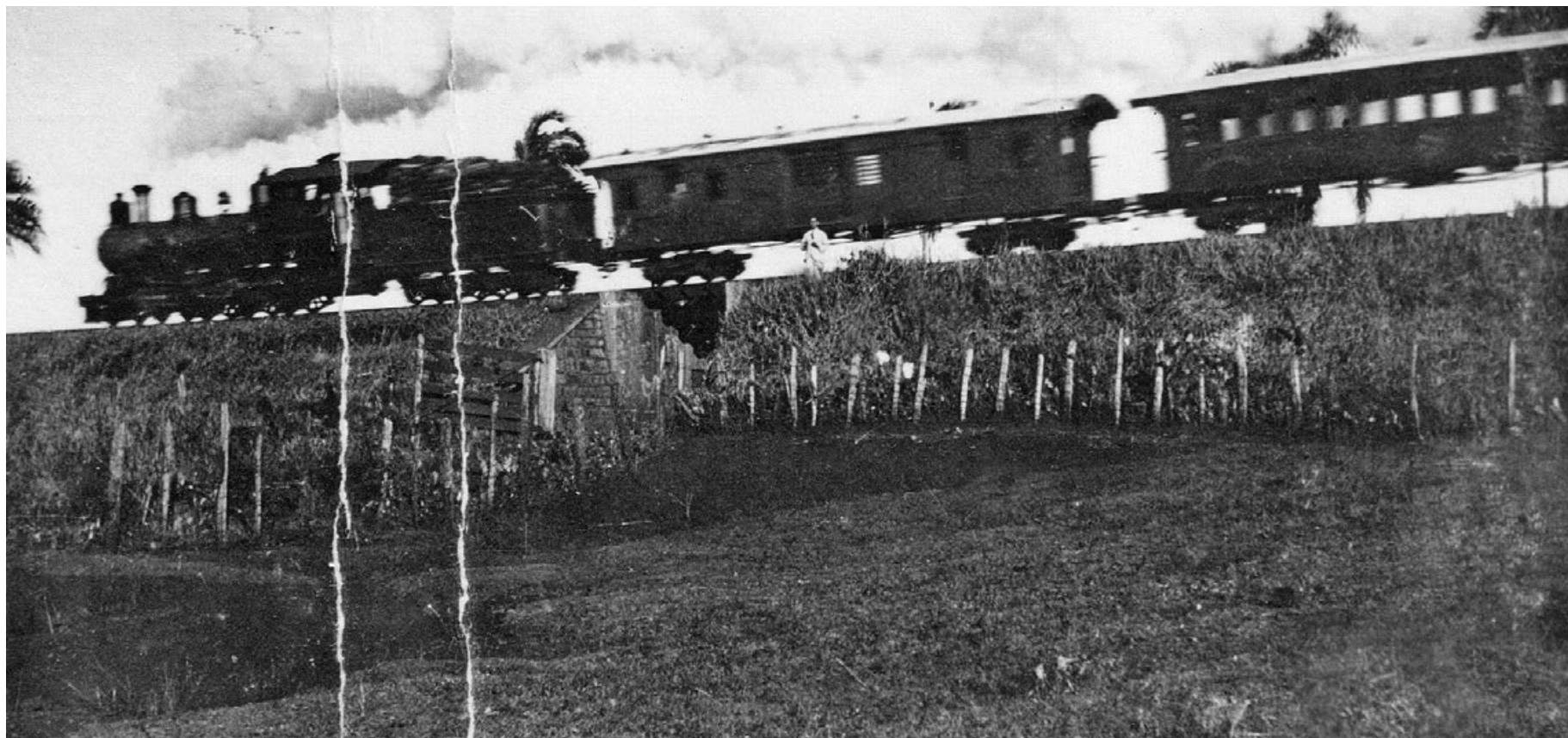
Era uma aflição, um medo, um nervoso, muitos preferiam apeiar e atravessar a pé, mas para nós, na inconsciência da meninice, achávamos uma graça enorme naquele susto, com que os mais velhos ficavam de olhos fitos nos sinais semafóricos.

Se não me engano, nunca houve desastre nesta passagem, tão perigosa e arriscada, mas também deviam ter muito trabalho os santos a que recorríamos, para vigiar o bondinho de um lado e de outro lado o trem.”

(Camilla Barbosa de Oliveira)



Bonde que transportava o Barão e a família, da estação Jaguari até a fazenda. Por volta dos idos de 1913.

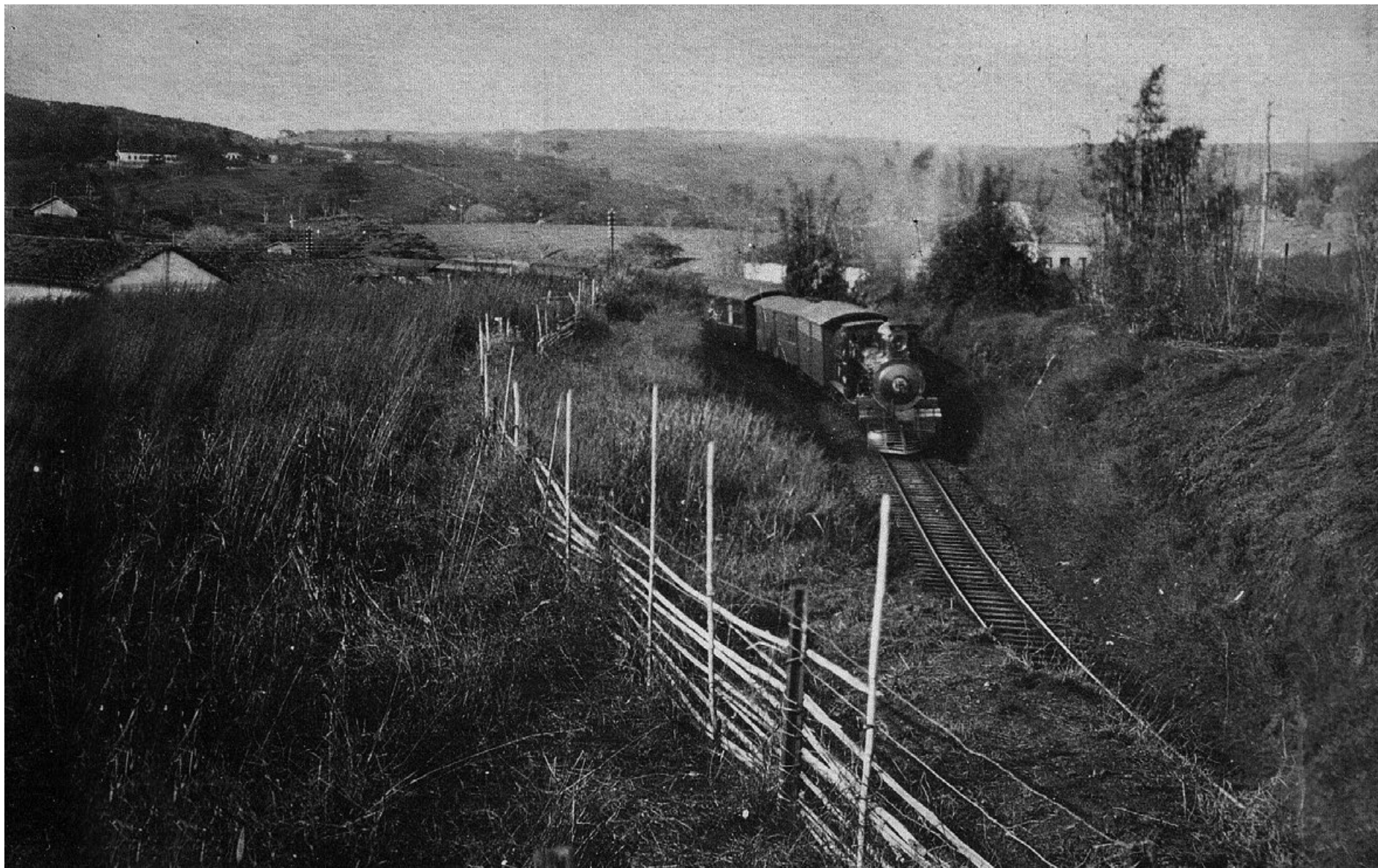


“O trem! Este passava, barulhento e fumarento ao lado da casa, onde havia um enorme terraço, todo florido de rosas amarelas e jasmims, cujo perfume delicioso, sinto até hoje. Logo que se ouvia o apito da locomotiva na curva do cafezal, corriamos ao terraço para dizer adeus. Adeus! Um adeus sempre alegre e feliz, que levava no seu gesto espontâneo e amigo, um pouco de nós mesmos.

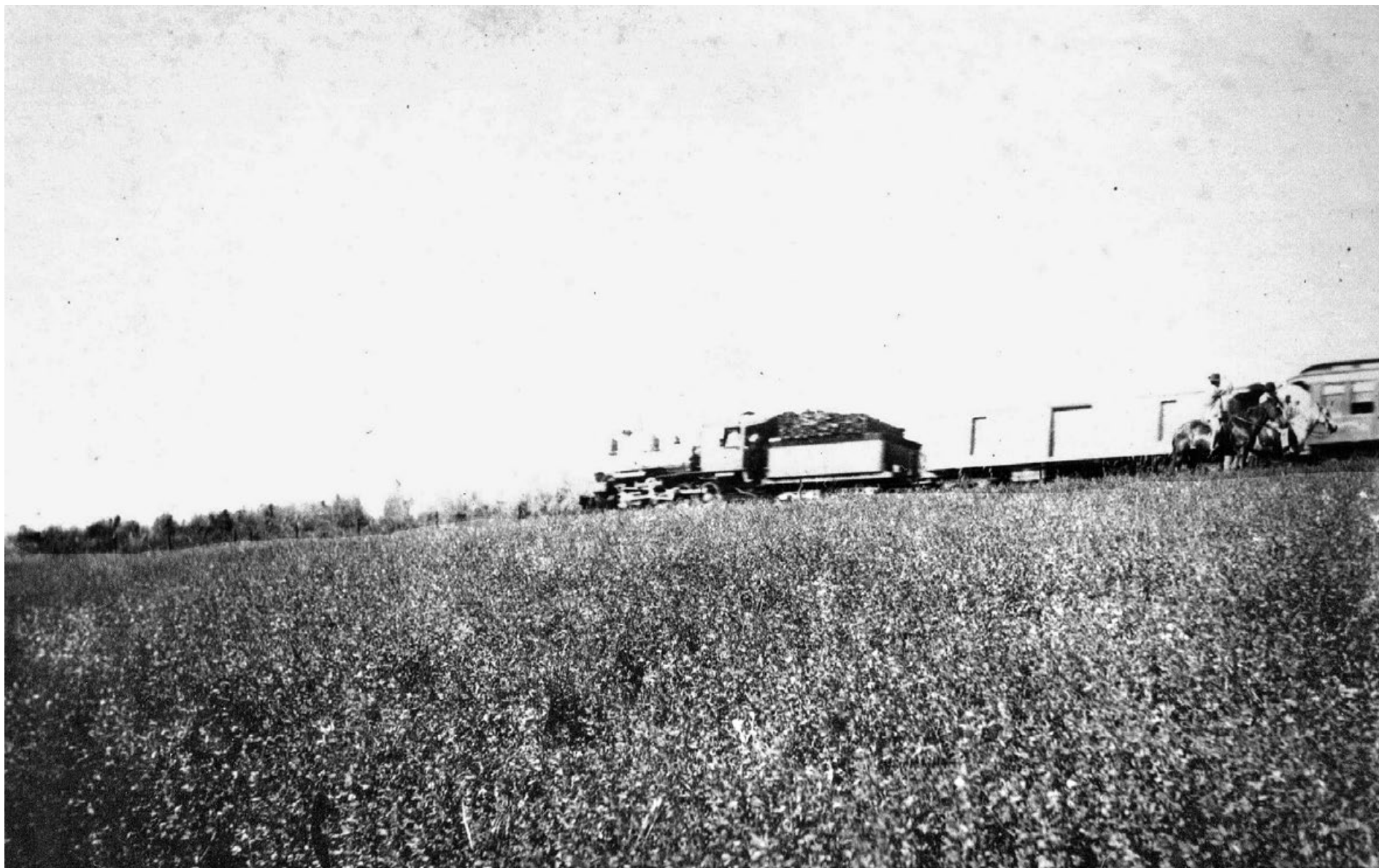
Havia sempre à mão, uma toalha, um lenço para acenar para o trem; houvesse ou não houvesse conhecidos nos comboios, no terraço florido do velho Jaguari, havia sempre um adeus, branco e amigo, levando no seu gesto gracioso e flutuante como que um voto de boa viagem. E não era raro este adeus ser correspondido, ou por brincadeira ou por solidariedade, mas era notado. Este adeus ‘pro trem’ era de pra-

xe, fazia parte do movimento da casa. Era como que um palpar da vida e isto, muitas vezes por dia. Era esta linha, o tronco da Mogiana e muito frequente a passagem de trens. Lembro-me muito bem, ouvir a voz sempre muito alta de Vovó: ‘O trem apitou, vão dar adeus!’ Tanta recordação, quantas saudades!”

(Camilla Barbosa de Oliveira)



Essa foto mostra um legado histórico muito importante. Até hoje você consegue localizar o caminho do trem, as construções, as casas e podemos enxergar até a Fazenda Florianópolis, propriedade, na época, do Cel. Amâncio Bueno, fundador da cidade de Jaguariúna.



Trem atravessando terras da Fazenda Santa Úrsula.



EPISÓDIOS

O desastre com o trem em 1913. Alvorço e tristeza. A lente de Pezzi estava lá, registrando o acidente ocorrido com o trem em 1913, nas terras da fazenda. A solidariedade da

família esteve presente. O neto do Barão, Augusto Arruda Botelho, prestou socorro. Sabe-se que uma família do Rio de Janeiro morreu na tragédia.



O registro do desastre do trem nas terras do Jaguari. Mais ou menos em 1913.

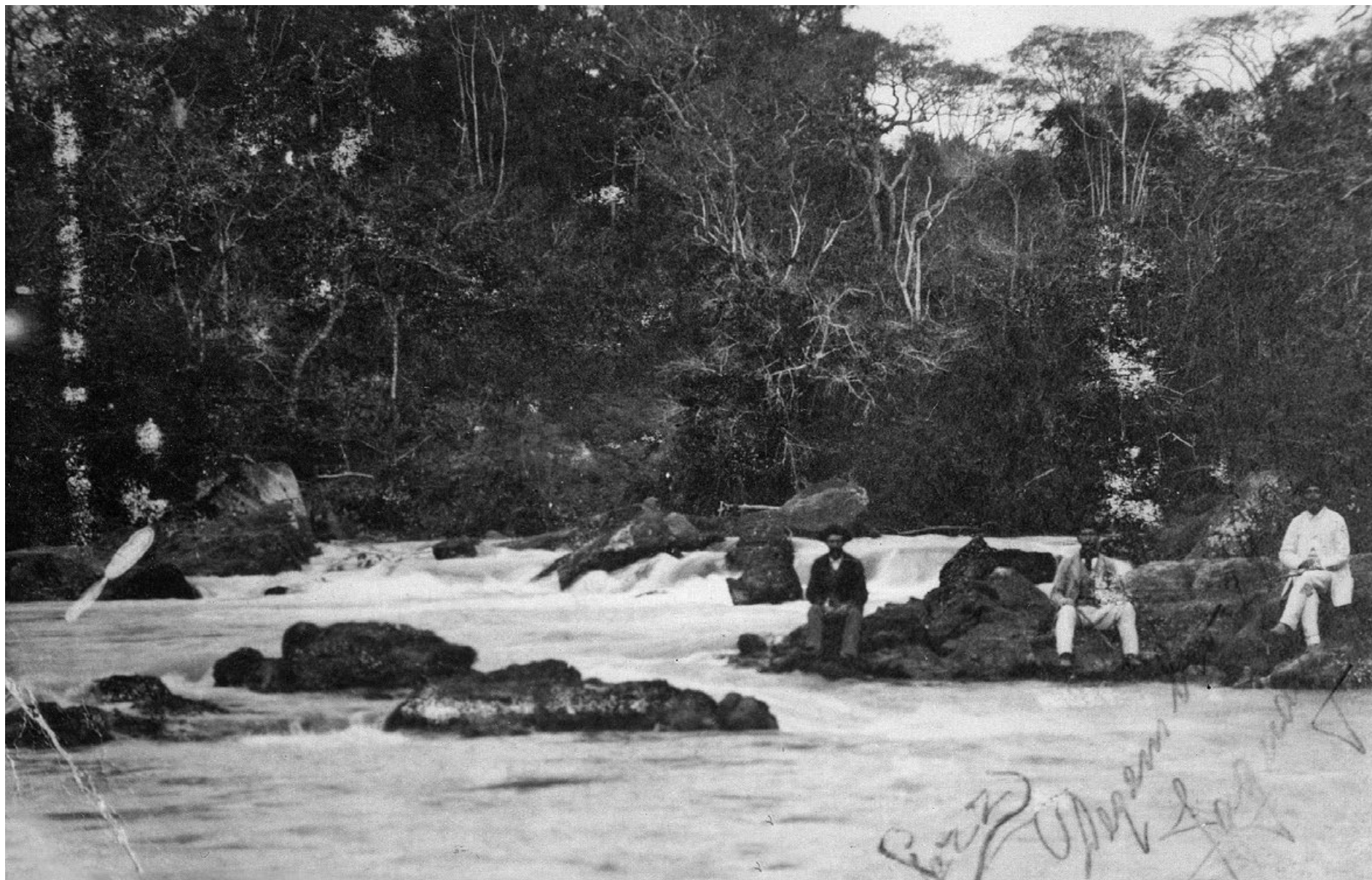


O trem na estação Jaguari, 1875.



O registro fotográfico de Pezzi mostra parte da Colônia do Jaguari.





Paisagem poética, em que se reúnem sons, volumes, cores, vegetação e a contemplação.
Um registro do Roncador, trecho do rio Jaguari nas terras da fazenda.





Barão (ao centro), sua filha Úrsula, Guiomar, tia Lalá e Guiomarita (ao lado direito); à esquerda, Iolanda e outras que não identifiquei. A datação é de 1915.

“**OUTRA COISA PITORESCA** do Jaguari era o pescueiro de Vovô.

Eu conheci, após o episódio de uma grande enchente do rio, que arrasou muitas de suas benfeitorias, mas que era uma beleza, era mesmo!

Havia ainda o frondoso bosque de bambus, a rua de amoreiras, que no ‘tempo’ pendiam seus galhos peçados de bagos negros e succulentos; do quiosque, onde eram servidos lanches e almoços; ainda restava muita coisa.

Os bancos e a mesa de pedra, onde havia gravadas milhares de assinaturas; do viveiro, sempre cheio, só conheci vestígios.

Logo depois do almoço, quando o dia estava claro e não havia vento, Vovô de ‘caniço e samburá’ descia, sempre acompanhado por um moleque carregando as iscas, para a beira do rio. A pesca e seu cigarro eram os seus únicos vícios. Íamos às vezes com ele, mas a

nossa companhia barulhenta e irrequieta era indesejável, atrapalhava o cerimonial mudo e recolhido que representava uma pescaria.

E Vovô, horas e horas, sentado, atento de vara em punho, com seu indefectível cigarro de palha e fumo picado, fumegando de suas barbas brancas, à espera da mordida do incauto dourado ou da distraída piracanjuba.

Quantas vezes o vi lutar com o peixe no anzol. Ficar de pé, acompanhando os movimentos da presa que, pulando para se libertar, numa luta inglória, punha o sol, reflexos de ouro e prata, nas águas turvas do rio.

Era um espetáculo verdadeiro, o entusiasmo, a perícia daquele velho, a firmeza de sua mão e a precisão na pescaria, sorvendo o ar calmo e satisfeito que coroava a sua vitória.”

(Camilla Barbosa de Oliveira)



Pesqueiro: Chiquinha, Guilhermina, Ester Barbosa de Oliveira, Úrsula e Cónego Oscar.

“**H**OJE, VOCÊS SÓ CONHECEM do Jaguari, a linda residência, da fazenda, famosa pelos seus churrascos, festejando datas de famílias; suas frutas e suas flores maravilhosas, mas não sabem, o que estas paredes, estas árvores guardam e lembram, não. Vocês não sabem!

Foi neste belo Jaguari que conheci, onde passávamos dias inesquecíveis: festas de São João, e sobretudo o dia 8 de Setembro, aniversário de Vovô, data em que geralmente lá nos reuníamos. Nestes dias, mas sobretudo, na temporada que passávamos no ‘sobrado’ eram os netos, os donos da casa; tínhamos cada qual o seu prato, o seu doce predileto, do qual podia se servir à vontade, ao grande desespero de nossos pais e governantes.

Perdiam eles toda a autoridade e prestígio diante desta frase de Vovô, quando algum deles recriminava: ‘A casa é minha, meus netos que façam o que quiserem.’

Não é preciso dizer que nós, felizes e com as costas quentes, usávamos e abusávamos do direito que nos assistia de pintar o sete, mesmo sabendo que mais tarde, sofreríamos as consequências.

De volta para a casa, o pulso das governantas e professoras entraria de novo em ação, ao retomar os horários e regulamentos de estudos, que tínhamos como em colégio.

Uma vez, para ver, até onde ia a benevolência

de Vovó, durante umas férias, que iam sempre do Natal até fins de janeiro, estávamos, uma meia dúzia de netos na sala do sobrado tocando o realejo.

O realejo! Vocês não podem imaginar o que fosse aquele realejo!

Uma peça única no gênero, que adaptada ao teclado do piano e, movida por uma manivela, ‘moía’ as músicas, picotadas e enroladas num cilindro. Era um engenho inteligente e original, mas movida por crianças era de ensurdecer um surdo de nascença.

Pois bem, começamos a tocar e a pular pela sala, naturalmente acompanhávamos a nossa alegria com grande gritaria e como é natural, os mais velhos, não suportando tamanha algazarra, deram ordem para parar aquele inferno dos diabos.

Então Vovó, sem dizer nada, sentou-se perto do realejo e ficou ela mesma, virando a manivela, até que a criançada se cansasse de pular. ‘O tempus ó moris!’, os mais velhos foram-se, diante desta força, não havia resistência, e nós radiantes de nossa vitória.

Era assim Vovó, mas também, quando se lembrava de ralhar, e passar pitos, não havia quem o fizesse melhor e com mais classe, como vocês dizem hoje.

Mas se fosse contando ‘casos’ do Jaguari, de nossa infância e mocidade, não acabaria tão cedo.

Depois de casados, tia Sula e tio Celso, reformaram o Jaguari, que então virou 'Santa Úrsula'; mudou-se seu aspecto, sem perder aliás o seu encanto e formosura, ganhando algo ainda mais envolvente, com muros der-

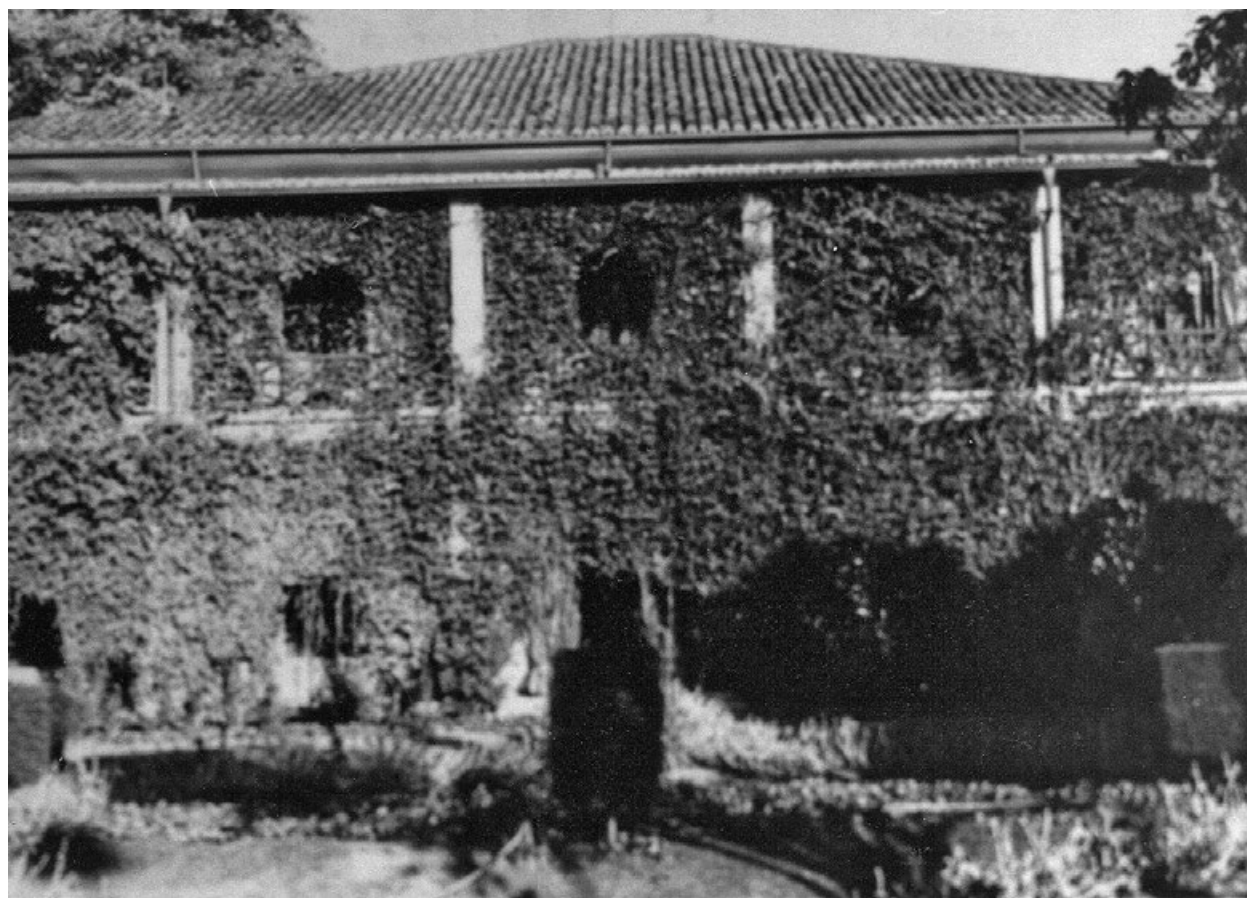
rubados, portas abertas, paredes erguidas, avenidas alargadas.

Para a inauguração da 'casa nova' houve grande festança e isso foi em meados de 1927. Começou com missa no saguão, almoço, jantar e baile até

madrugada. Vieram convidados, não só de Campinas, como de São Paulo e Santos. Mas não deixa de ser, este solar sobranceiro, esta magnífica vivenda, o berço dos Ataliba Nogueira."

(Camilla Barbosa de Oliveira)

Reforma feita por Úrsula de A. N. Moraes, em torno de 1927. Modificou a fachada ampliando a varanda. Na parte interna fez diversas alterações, inclusive substituindo o piso que era de tábua larga, por assoalho comum.

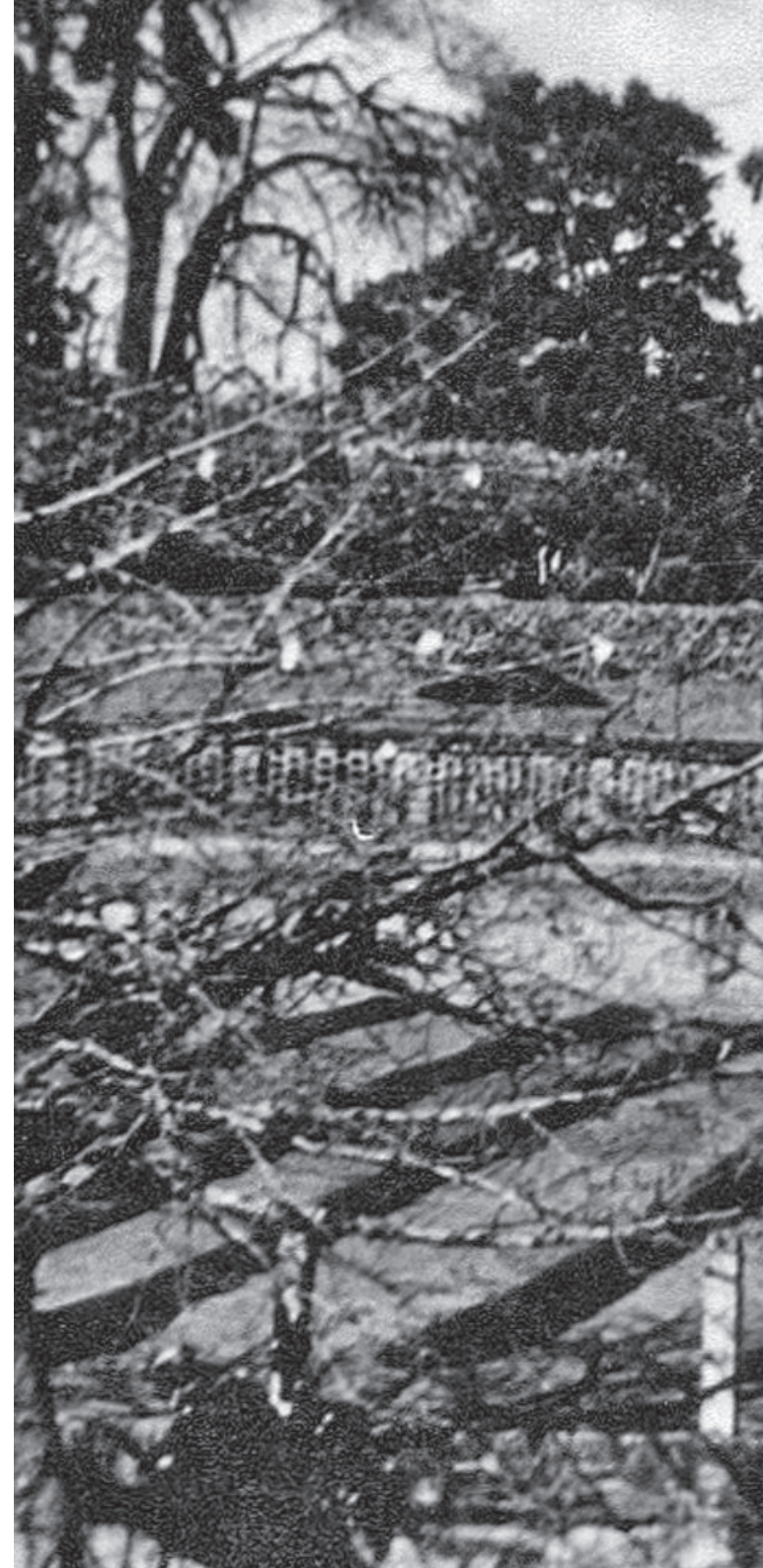


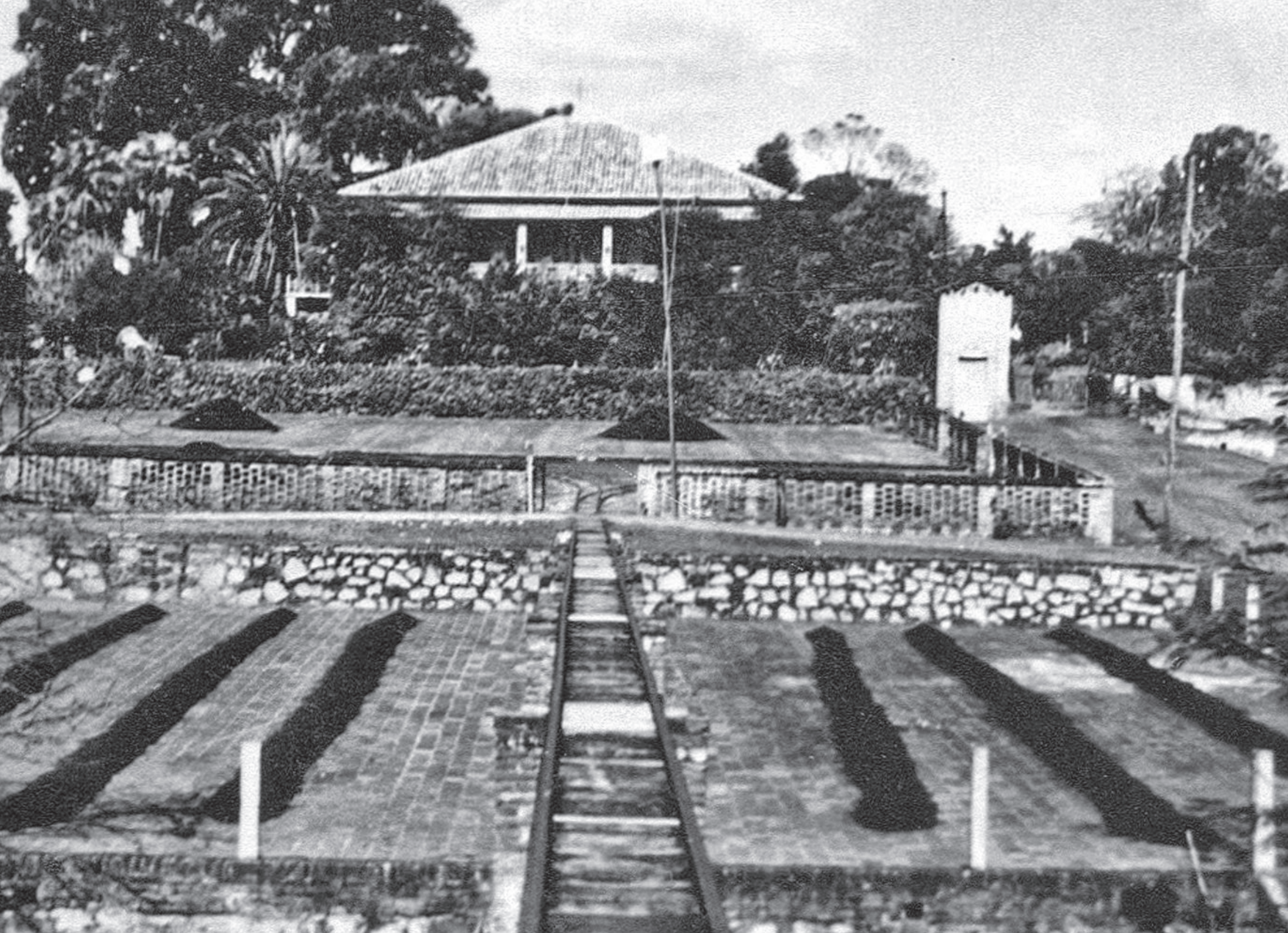
TERREIROS DE CAFÉ, 1925

UMA ARQUITETURA de linhas e espaços amplos para contemplar o sol, mais que isso, toda luminosidade deveria ser pensada para beneficiar a secagem do café. Os terreiros de café eram como piscinas, ora cheios de grãos, ora cheios de espera pelos grãos. Nestes espaços uma espécie de marca geográfica das fazendas antigas, guardava-se certa contemplação, pois ali celebrava-se o resultado da lavoura, do trabalho que exigia força, inteligência, disciplina e vontade de empreender.

Engrossando a produção de café da região, a Santa Úrsula se fazia presente no rol dos produtores líderes e o Barão, como um dos fundadores da Cia. Mogiana, dedicava-se com afincos para impulsionar a companhia e fortalecer a economia gerada pelo café.

Os terreiros de café, sol aberto para secar o grão famoso pelo sabor e consistência.



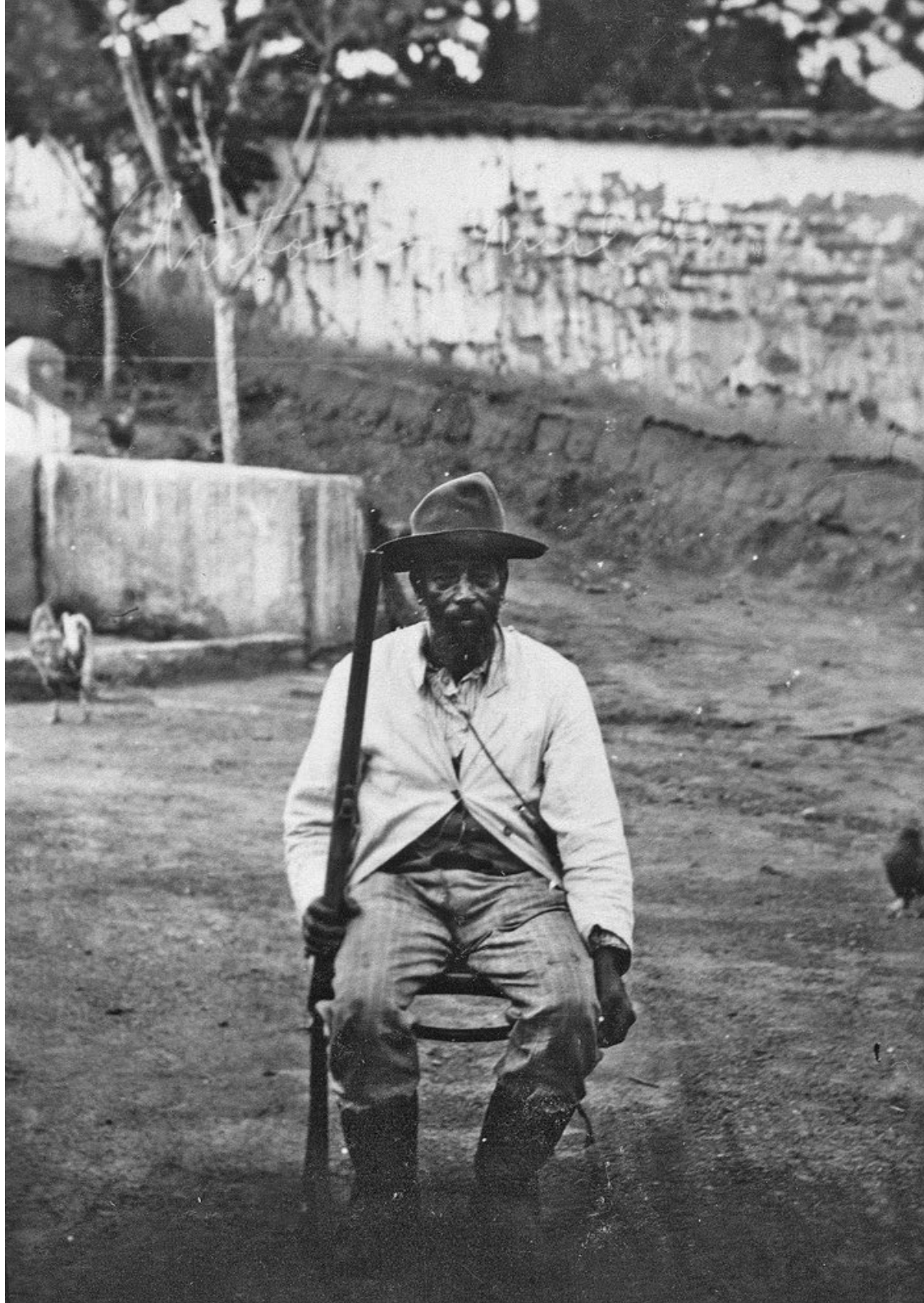






Telhados, portas e janelas, espaços em movimento em torno da produção do café. No registro, feito antes da grande enchente do rio Jaguari, vemos a trilha de café. Naquele tempo, nem os trilhos do bondinho tinham sido instalados.

O posto de guarda da sede.





O cotidiano de uma fazenda produtiva. Imigrantes brancos e homens negros dividiam a labuta diária. O administrador (primeiro à dir.) é Augusto Bezzaroli.



Casinha de brinquedos: netos do Barão, José e Judith.





A diversão era certa na fazenda, como no registro dos netos do Barão, Celso e Alberto (filhos de Úrsula e Celso) puxando a charrete 1925.



Celso, filho de Úrsula
em registro de 1923.



Celso, filho de Úrsula, sentado no carrinho,
acompanhado dos meninos, Reducindo,
neto de escravo que morava na fazenda e José,
neto do Barão, em 1924.



Celso Moraes acompanhando o passeio a cavalo dos filhos, nos trilhos do bondinho.



Úrsula no roseiral da Fazenda Jaguari.



A infância celebrada nas brincadeiras de casinha das netas do Barão.



Netos do Barão brincando o carnaval na Fazenda Jaguari; da dir. para esq.: Luizinha, Augusto, Guiomar, Judith, João, Candida e Maria Luiza, em 1914.



Judith e José, netos do Barão, em registro em 1917.
Graça e harmonia no traje das crianças.



Luizinha e Candinha, netas do Barão, em 1909, atentas à boa leitura.



Barão e Baronesa de Ataliba Nogueira, em 1915, posaram com sua comadre e a afilhada.

Ao nascer, Celso recebeu o apelido de Luiz XV, por conta dos 14 abortos que teve Úrsula, antes dele nascer. Batizado em Aparecida do Norte foi para pagar promessa. Os padrinhos foram Augusto Arruda Botelho e Maria Luiza ou Mariquinha como era chamada.





D. João Baptista Correia Nery, o D. Nery, primeiro Bispo de Campinas, foi também um grande amigo de nossa família.

“**D**E FAMÍLIA MODESTA, campineiro, era colega de tio João. Meus avós, vendo e prevendo nele um grande futuro, tomaram para si a educação do menino aplicado e inteligente.

Quando mostrou sua vocação sacerdotal, Vovô se opôs, queria que seguisse a advocacia, visto o brilho de seu dom oratório, mas Deus, nos seus desígnios insondáveis, já tinha marcado aquele moço para seu serviço privilegiado.

Depois de ordenado, tendo sido meus avós os seus padrinhos, foi a Roma, terminar seus estudos no Pio-Latino. De volta ao Brasil, em Campinas, São Paulo, foi nomeado Vigário da Matriz velha, hoje Matriz do Carmo.

Daí saiu Bispo do Espírito Santo e depois de Pouso Alegre; quando se fundou o bispado de Campinas foi ele o primeiro Bispo de sua terra natal.

Vinha por várias vezes descansar no Jaguari, onde era recebido como um filho; numa des-

sas férias trouxe com ele três seminaristas que seriam um dia: D. Otavio de Miranda, Bispo de Pouso Alegre; D. Assis, Bispo de Mariana e D. Aquino, Bispo de Corumbá.

Era de uma simplicidade e de uma simpatia encantadoras; até a sua morte foi ele quem casou e batizou todos os Ataliba Nogueira, e estou vendo a sua comoção ao assistir a extrema unção dada à Vovó pelo seu secretário; já bem doente não teve forças para ungir com suas próprias mãos, aquela a quem ele chamava de Mãe.

A sua morte deixou em Campinas, a grande dor, a lembrança de um santo, muito amado e venerado.

No Largo da Catedral ergue-se em Campinas um bonito e significativo monumento oferecido pelo povo a seu primeiro e querido Bispo.

(Camilla Barbosa de Oliveira)

Batizado de Alberto A. N. Moraes em 1923, filho de Úrsula. O batismo, feito pelo Cônego Nery reuniu toda a família Moraes, Arruda Botelho e Ataliba Nogueira nas terras do Jaguari.





Baby, filha de Rui Barbosa, em registro de 1912.

“Os Rui Barbosa sempre foram grandes amigos de nossa família; Mamãe e Maria Augusta tinham uma pela outra uma forte amizade, que durou sempre entre elas e era com grande carinho e com saudades que Maria Augusta se referia à ‘minha Camila’.”

(Camilla Barbosa de Oliveira)



Encabeçando a fila, Rui Barbosa e a filha Baby, sua mulher, Maria Augusta, Úrsula Moraes, Camila Barbosa de Oliveira e o marido Luiz Albino B. de Oliveira e o Barão de Ataliba Nogueira. Na data deste registro – provavelmente entre 1912 e 1915 –, a baronesa já havia falecido. O escritor ilustre Rui Barbosa era primo dos Barbosa de Oliveira, que foram donos da fazenda Rio das Pedras em Barão Geraldo.



Washington Ataliba Nogueira, Barão, Lalá, Francisquinha (de branco, criança), Iolanda Penteadó, Guiomar, Chiquinha Moraes, Carlito Barbosa de Oliveira, Izabelita Barbosa de Oliveira, Guiomarita Penteadó Úrsula Moraes, (da esq. para dir.), no Jaguari em 1915.



As áreas de sombras da fazenda sempre reuniam a família. Neste registro de 1913, a concentração foi no bambuzal, momento de descontração.



Aromas, o verde a acalmar a alma, a poesia soprada pela brisa das terras de Jaguari, quando se reuniam para o chá da tarde aos pés da figueira, em 1908.

“RESIDIAM MUITO MAIS MEUS AVÓS no Jaguari (do que na cidade), esta maravilhosa fazenda, onde passamos tão bons tempos de nossa infância, sobretudo de nossa mocidade. Vovó era uma criatura extraordinária, de uma atividade fora do comum, voluntariosa e impulsiva, amanaiva estas ‘qualidades’ com um altruísmo e uma generosidade raros. Era o contraste vivo do marido, egoísta, calmo, não queria aborrecimentos, deixava os problemas mais difíceis da vida para serem resolvidos por ‘Luisinha’, que se gabava de não fazer nada sem consultar ‘Ataliba’. Assim se chamavam, esses eternos namorados, tão grande compreensão entre a calma e a impetuosidade... A areia e as ondas.”

(Camilla Barbosa de Oliveira)



No canto do sobrado e à sombra de muitas histórias, neste registro de 1920, lá estavam (da esquerda para direita em pé), Carmelita, Camilota, Zezé, Celso, Úrsula, já casados, Albertinho, Anita, e o último, Carlito Barbosa de Oliveira. Sentados, da esquerda para a direita: Camila, Barão e Alberto Moraes.



Úrsula, a primeira à direita, em cavalgadas pelas terras de Jaguari, quando recebia os primos, que vinham da Fazenda Rio das Pedras, em Barão Geraldo, em 1900.

“VINHAM ENTÃO ANUALMENTE passar as férias na fazenda, os primos do Rio, Jacobina e Lacombe; eram temporadas ótimas, com passeios a cavalo, excursões a pé. O tanque, ainda “tabu”, com muitas recomendações, era frequentado pelos mais velhos que também iam caçar.

Apesar de não haver luz elétrica à noite, as noites eram divertidíssimas na sala de visitas, e dançávamos ao som de um “magnífico” gramofone Pathé, uma delícia.

Tínhamos uma ótima discoteca, quase toda francesa, com canções lindinhas, das quais tirávamos as palavras e a música. Fazíamos coros com orquestra, Laura – Dada – no piano, Domingos Otavio – Dingo – no violoncelo e Mabel fazia os solos, aliás com uma bonita e cuidada voz. E assim passávamos dois meses alegres, indo às vezes a alguma festa em Cam-

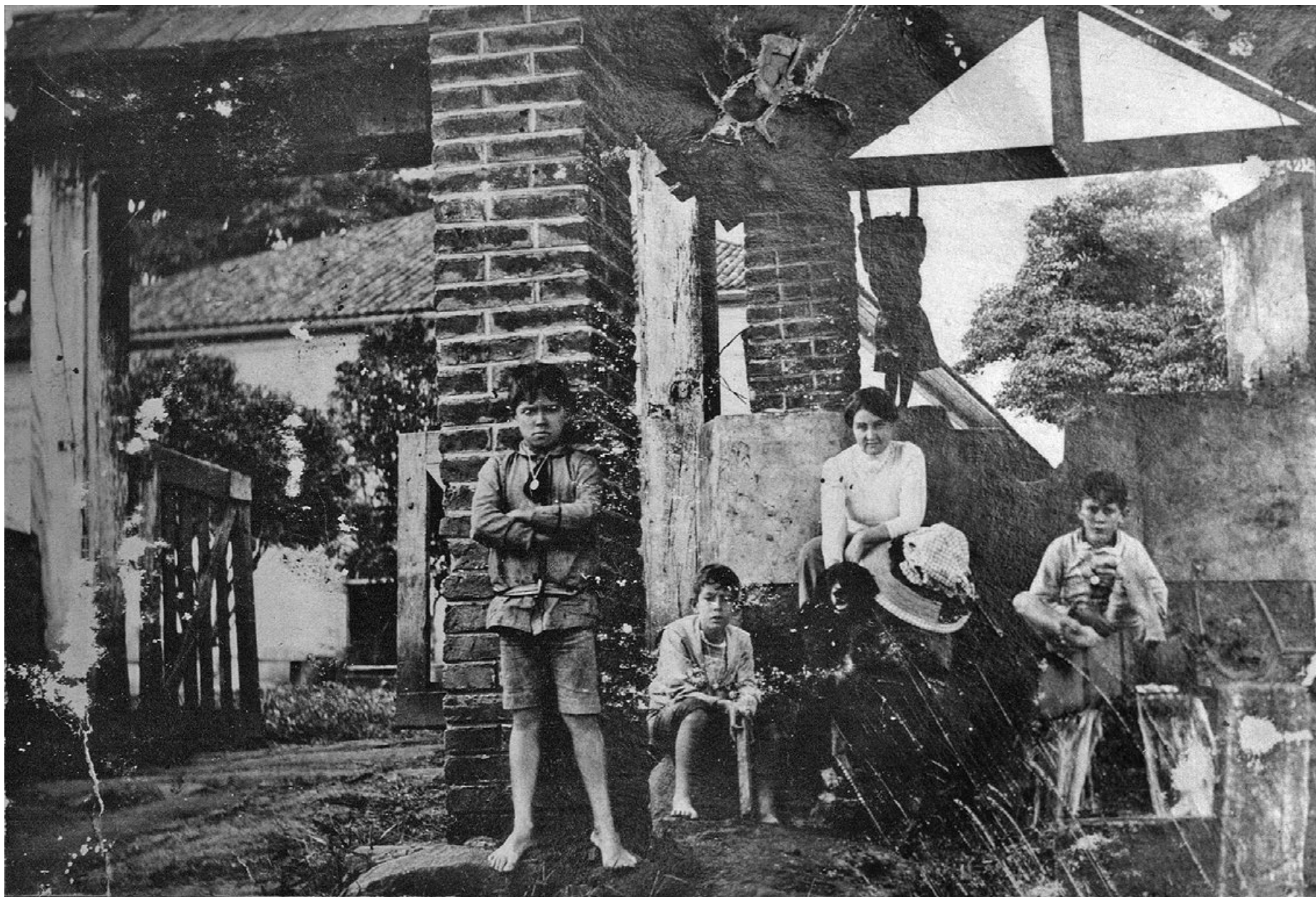
pinas. O “atelier” de costura, sempre ativo, e lá fazíamos nós mesmas os nossos vestidos, com a gerência de Mamãe que cosia muito bem.

O passeio máximo era ir aproveitar o dia no Jaguari, onde estavam Vovô e tia Sula, ainda solteira, e o pessoal de tio Augusto e tia Quinha, que também lá passavam as férias.

Íamos a cavalo. Saíamos de madrugada. Desde à véspera, nos preparávamos. Os cavalos já estavam presos e os arreios preparados, eram verdadeiras peripécias, as estradas horríveis, sendo, às vezes, necessário apeiar para passar a lombada do caminho.

Voltávamos à noite, quase sempre ao luar, e vínhamos numa cantoria louca, que assustava os caboclos da beira da estrada, mas, que era bom... era!”

(Camilla Barbosa de Oliveira)



Netos do Barão, no lavador de café, acompanhados da governanta alemã.



Ao lado da casa da fazenda Jaguari, próximo aos trilhos do bondinho (da esq. para direita em pé), Camilota, Úrsula, um rapaz que não temos a lembrança, a babá e outro rapaz que não identificamos. Sentados: Lulu, uma senhora não identificada, Joãozinho (criança) e o Barão.



Netos do Barão, Carmem e Albino Barbosa de Oliveira, ainda bebê, no colo da babá (a qual não consegui identificar), em 1913.



Na fazenda Jaguari, os gêmeos Guedes e suas irmãs, ao lado de José Carlos A. Nogueira, em 1915. Eram os Guedes, netos do Barão de Pirapitingui, proprietários da Fazenda da Barra, grandes amigos de Úrsula.

Em visita à Úrsula, sua grande amiga, o registro de Siomara Guedes e suas três filhas, descendentes do Barão de Pirapitingui, da Fazenda da Barra.





○ Barão, já bem velhinho, com sua filha Úrsula e seu genro Celso, em 1919. Não foi possível identificarmos as outras pessoas.

Dona Prima Cocapieller, imigrante italiana, trabalhou muitos anos com a família. O registro é de 1919. Foi governanta de Mariquinha de Arruda Botelho, de José, Cotinha e Judith, todos netos do Barão. Era um membro da família.





Vitório, copeiro da fazenda, neto de escravos,
que por lá permaneceu.



Rui Barbosa e sua mulher M. Augusta.



Camilota, Úrsula e Baby, filha de Rui Barbosa,
no jardim da Fazenda Jaguari, em 1912.

Foto da babá, cujo o nome era Manoela. Ela cuidava dos netos do Barão, Luizinha, Candinha, Maria Luiza e Judith (sentada no carneiro). Manoela aprendeu a falar alemão com a governanta. Trabalhou muitos anos com a família e deu um neto para o Barão, que o chamava de “Meu afilhado Mário”.



“FOI NA COMPANHIA CIVILISTA e, durante o governo de Marechal Hermes, que Rui Barbosa vinha passar o verão na Fazenda Rio das Pedras, descansar da luta e se convencer que, não é a justiça, nem o bem e o direito que vencem.

Essas temporadas de primo Rui marcavam época na vida do Rio das Pedras, que passou a ser o cenário, para onde afluíam, admiradores e amigos, da Águia de Haya, que aí pousava.

Eram temporadas alegres, mas não era sempre que o primo estava de “bom humor”. Quantas vezes, recusava a receber pessoas importantes, que vinham de longe para vê-lo. E só mesmo o jeito de prima Maria Augusta, auxiliada por mamãe, conseguia tirá-lo da cama, pretextando enxaqueca.

São assim os gênios!

A casa então regurgitava de gente. Com o primo Rui e prima Maria Augusta, vinham além de João e Baby, que eram solteiros, Dedélia, a filha mais velha e seu marido Batista Pereira.

Levamos uma vida divertida, de brincadeiras, a inteligência esfuziante de Batista, a sua conversa culta e ilustrada nos encantava, tinha uma memória maravilhosa e as noites no terraço da fazenda eram verdadeiros torneios literários.

A estas tertúlias tomavam parte, primo Rui e papai, que sempre tinham um caso, uma anedota adequada ao assunto.

Primo Rui, andejo por natureza, saía muito a pé, e como não achasse companhia para afrontar o sol quente do verão, lá ia ele com seu fraque de linho cinza, seu guarda-sol forrado de verde, acompanhado por Tupy, o fox, o único, dizia ele “que não se nega a me acompanhar”. Parece-me que estou a ver aquela figura pequena, quase ridícula, seguindo os trilhos do pasto acompanhado pelo cachorro com meio palmo de língua de fora, mas orgulhoso de sua missão.

Estávamos então em 1912, mais ou menos, nos primórdios da aviação e viera a Campinas, assustando o pessoal com o novo invento, o aviador alemão, um tal de Planchut, fazer uns voos sobre a cidade.

Um belo dia, toca o telefone. Mamãe sempre diligente e solícita, atende ao chamado. Do outro lado da linha, uma voz cheia de erres, indaga se o Conselheiro estava, que queria lhe fazer uma visita, que sabia que no pasto das palmeiras podia aterrissar.

Mais do que depressa, toca-se o sino para reunir o pessoal, aprontam-se os troles para as senhoras, todos em demanda às palmeiras, enquanto que em casa, prepara-se um lanche para o herói do dia.

Primo Rui, na sua impaciência, sai a pé, com o indefectível Tupy, os colonos e camaradas a postos, de cabeça erguida a perscrutar o horizonte. Cada urubu que surgia era uma gritaria.

De repente o telefone toca, atende de novo, mamãe, uma das únicas a estar em casa, e do outro lado a mesma voz carregada de erres: “Senhorra eu errar em vez de pôe gasolina pões cerveja no avião...” e uma gargalhada gostosa denuncia Nhônhô com mais uma de suas brincadeiras.

Ficaram todos furiosos, reuniram o pessoal desapontado, nós sapateávamos de raiva... Mas que foi gozado foi.

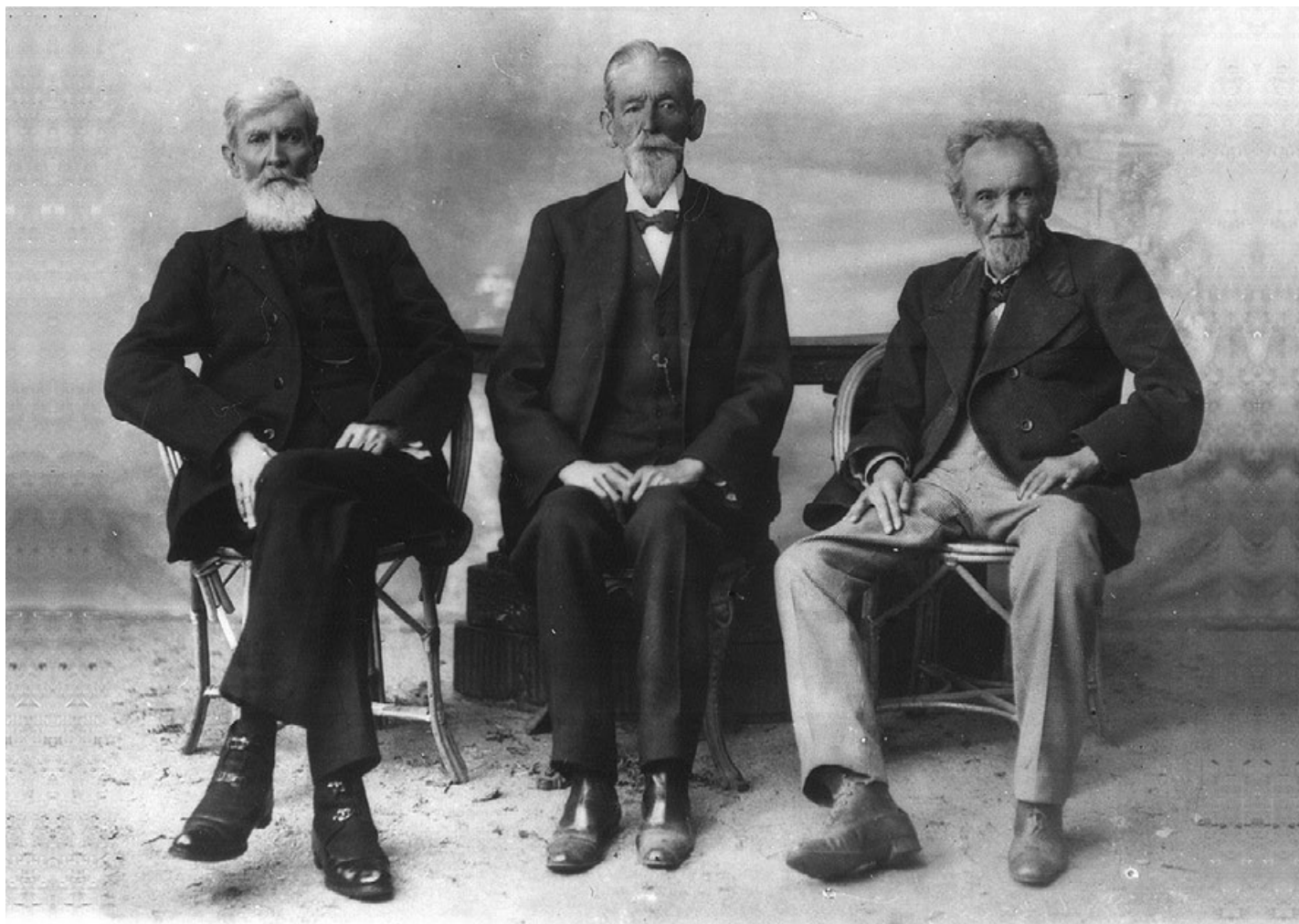
E assim ia passando o tempo. Fomos em caravana para Poços de Caldas, a convite da família Cobra, dona do Hotel do Globo.

Foi nesta ocasião que a vida de primo Rui perigou, vieram seus médicos do Rio e outras sumidades, mas nunca ficou bem esclarecido o mal que acometeu o grande homem.

Se ele fosse bonito podia se pensar que foi quebrante.

Há fotografias tiradas no Jaguari, durante uma visita que os primos fizeram aos meus avós, que eles estimavam e acatavam com toda consideração.”

(Camilla Barbosa de Oliveira)



O Barão de Ataliba Nogueira, José e Joaquim.

“HAVIA PERSONAGENS NOTÁVEIS que frequentavam o ‘sobrado’. Começando pelos dois irmãos de Vovô, tio José empertigado, contador de lorotas, dizia e acho que disto estava convencido tal era a certeza, com que o afirmava, que numa de suas visitas à Europa, viajando num trem, na Alemanha, tinha por companheiro o Czar da Rússia, e que ao descer do trem este lhe carregaria a mala. E assim eram as suas ‘teixeiradas’, divertidas e pitorescas, mas sempre originais.

Muito diferente era o tio Joaquim, desleixado, com um lenço de chita no pescoço — e era o mais rico dos três, tendo se casado com a viúva de Vovô Camillo — era a figura de São Pedro, mas de um São Pedro Patusco e irreverente.

Tinha sempre piadas, uma linguagem leve e ainda bem que o reconhecia. E quantas vezes o ouvimos dizer: ‘Mande as meninas embora que vou contar um caso’.

E Vovô, que era a seriedade em pessoa, não se conformava com a falta de compostura do Mano José e do Mano Joaquim.

Morreram os três irmãos com 88 anos, com dois anos de diferença um do outro.

**A MEMÓRIA É ASSIM. COMO UM GRANDE NOVELO DE LINHA.
DEPOIS QUE SE PUXA O PRIMEIRO FIO...”**

(Camilla Barbosa de Oliveira)

CRÉDITOS

OLIVEIRA, Camilla Barbosa. Águas Passadas. Produção Independente. São Paulo, 1956.

ACERVO DE IMAGEM

Arquivo Família Ataliba Nogueira

Curadoria: Maria Abigail Nogueira Moraes Ziggiatti

PESQUISA HISTORIOGRÁFICA

Arquivo Aguirra. Documentação acerca da Fundação Territorial de São Paulo.

Museu Paulista. Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material.

GUERRINE, Leandro. História de Piracicaba (noiva da colina) Antes de sua fundação.

In: Costa Barros, Antônio de. (org.) Piracicaba – A Noiva da Colina.

NEME, Mário. História da Fundação de Piracicaba, Editora IHGP, 1974.

Universidade de São Paulo: Arquivos diversos.

PUPO, Celso Maria de Mello. Campinas, Município no Império: fundação e constituição, usos familiares, a morada, sesmarias, engenhos e fazendas. Imprensa Oficial do Estado, 1983.

PUPO, Celso Maria de Mello. Campinas, seu berço e juventude. Campinas: Academia Campinense de Letras. Publicações da Academia Campinense de Letras 20, 1969.

ISBN 978-85-63824-08-0



9 788563 824080

